ANO II
ED. 01

COLORS dj

VITOR FARIA

A SONORIDADE DO TRIBAL PÓS-PANDEMIA

TIAGO JERÔNIMO

O IMPORTANTE EQUILÍBRIO ENTRE A BOA MÚSICA E O MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

SAVEDA

VAMOS CONVERSAR SOBRE LINGUAGEM NEUTRA? (PARTE I)

ALLISON NUNES

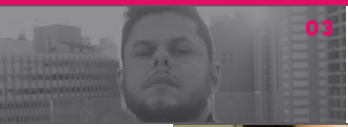
DJ BRASILEIRO COM MAIS DE 50 APRESENTAÇÕES NA COLÔMBIA

COLORSdj

ANO II - Ed. 01

ÍNDICE

MÚSICA

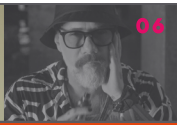

03

COLUNA 03
VITOR FARIA
A sonoridade do Tribal pós-pandemia

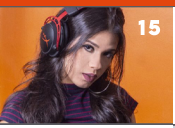
COLUNA 06
BACANA MUSIC
Pista Cheia não cabe Divisão

ENTREVISTA 08
ALLISON NUNES
DJ brasileiro com mais de 50 apresentações na Colômbia

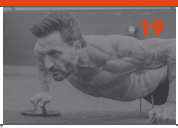
08


06

PROFISSÃO


15

COLUNA 15
TIAGO JERONIMO
O importante equilíbrio entre a boa música e o material de divulgação


19

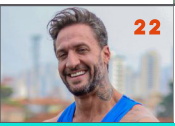
COLUNA 19
SANTANA TREINADOR
MENTE BLINDADA:
Recomeços e Vibes

COLUNA 20
SANTANA TREINADOR
MENTE BLINDADA:
Expectativa vs Realidade

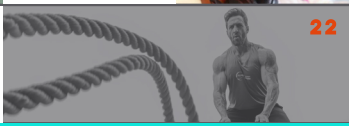
20

COLUNA 21
ARTHUR VALLETI
E pra você?
A vida é boa?

21


22

COLUNA 22
SANTANA TREINADOR
MENTE BLINDADA:
Projeto verão é saúde e vai muito além da estética+


22

I.D.

25

ENTREVISTA 25
JUSKO:
A nova geração de DJ/Produtor Americano

INTERVIEW 29
JUSKO:
The New Generation of American DJ & Producer

LANÇAMENTO 32
Jeff Valle lança o seu segundo EP experimental, e já tem data de lançamento para o terceiro ainda esse ano

32

LANÇAMENTO 34
Claptone lança "Right Into You" em collab com Like Mike e Mansionair, pela Different Recordings

34

REVISTA DIGITAL INTERATIVA

COLORSdj

ANO II - Ed. 01

ÍNDICE

I.D.

36

LANÇAMENTO
Conheça Chang´e, o terceiro EP experimental de Jeff Valle

36

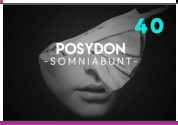
38

LANÇAMENTO
Gui Guerrero apresenta a segunda edição do digital show Flight, em Salvador

38

LANÇAMENTO
Posydon estreia seu novo EP "SOMNIABUNT"

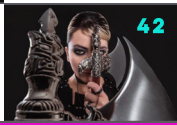
40



40

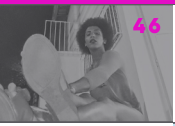
LANÇAMENTO
Com vocais do Pe. Júlio Lancellotti, Monic (BR) apresenta sua nova track "Lancellotti"

42



42

VOZES



46

COLUNA
KUKUA DADA
Não se volta atrás, apenas se renova

46

COLUNA
SAVEDA
Vamos conversar sobre linguagem neutra? (Parte I)

47

47

COLUNA
CARLA BAKER
Mulheres na Política

50

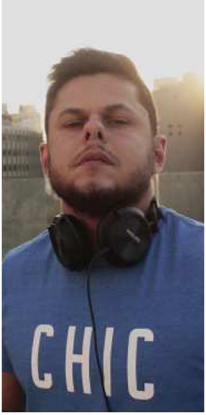
50

52

COLUNA
SAMUEL STRAPPA
"Amores e cores": VERA E JÚNIOR

52

REVISTA DIGITAL INTERATIVA



COLUNA

A sonoridade do Tribal pós-pandemia

Em março de 2020 quem poderia prever o futuro e como estaríamos agora?

Com acesso a vacinas, mas a variante delta querendo pôr tudo a perder, e ainda sem previsão de abertura dos grandes eventos.

Não estamos aqui para fazer juízo de valor, nem levantar nenhum debate. Deixamos isso a cargo do leitor.

Cada um sabe onde seu calo aperta, cada um tem consciência, se sente confortável (ou não) em frequentar ou trabalhar em eventos durante uma pandemia.

Mas o fato é: a cena clandestina começou tímida, alçou grandes vôos e hoje se materializa na forma de grandes festivais.

Essas festas foram naturalizadas de tal forma que agências de DJs e grandes astros não tem mais nenhum pudor em tocar nem ver seus nomes associados a elas.

Até a denominação "clandestina" caiu em desuso, como um eufemismo, foi suavizada. "Clandestina" virou um "palavrão".

Interessantes aspectos sobre esses eventos foram abordados na brilhante coluna do Wolve Logan, publicada recentemente aqui na Colors.

Sendo assim, iremos abordar mais a parte musical, ou seja, a sonoridade do tribal pós-pandemia.

Primeiro devemos observar que 2019 já dava sinais de cansaço e esgotamento da fórmula que deu certo até então.

Costuma ser assim na maioria dos setores artísticos todo final de década.

Um ano fraco de lançamentos, onde pouca gente ousou arriscar, e todos estavam de olho em uma possível "virada de chave", que nunca veio. Veio o COVID no lugar.

Segundo, a falta que faz uma programação semanal de qualidade. Ela é referência para o público e para os outros DJs. Sem essa referência, vira um vale-tudo, uma loteria.

Abrem-se brechas para que vertentes que eram underground (como o "Guaracha") virem mainstream.

O Rio de Janeiro já tinha passado por situação semelhante em 2013, quando fecharam as portas os icônicos The Week e Cine Ideal.

Pipocaram por todo lado as after parties, as quais não temos nada contra, apenas o fato de que têm horário e local apropriados para ocorrerem.

As consequências são sentidas até hoje. Ainda há a percepção (equivocada) de que o carioca médio prefere ouvir som de after o tempo todo, o que influencia a construção dos sets dos DJs que vem se apresentar aqui.

Na pandemia, os residentes veteranos dos grandes clubs, que eram nossos grandes "DJs educadores", ficaram sem espaço para trazer as novidades.

E vamos logo aproveitar a ocasião para desmistificar a figura do DJ educador.

Foi criado um bicho de sete cabeças, uma falsa ideia de que o novo é chato. De que o DJ deveria tocar apenas o que o público quer ouvir.

Como dizia o genial **Steve Jobs:** ***"as pessoas não sabem o que querem, até que você as apresente".***

Temos a sorte de ter um público que em sua maioria é sim receptivo, e que à primeira batida de uma track nova (que seja boa, diga-se) vai ficar arrepiado e pensar: "nossa, que batida fod@".

Ao contrário do público POP, que tem aversão ao desconhecido.

Eu já toquei muito em festa POP. É preciso cuidado em selecionar remixes com bastante vocal (a principal reclamação deles é que o DJ de eletrônico "estraga a música" ao retirar o vocal). Também é necessário fazer mixagens rápidas, de vocal pra vocal. Quando eles não reconhecem a música que vai entrar, simplesmente param de dançar e cruzam os braços.

Então, queridos leitores, não há motivo para temer o novo. Não creio que a era do "DJ educador" acabou nem irá acabar. Pois essa é nossa missão.

Somente colocar o povo pra dançar é fácil: uma jukebox com inteligência artificial poderia fazê-lo.

Com os clubs fechados, e sem essas referências, era de se esperar uma certa mesmice em termos musicais.

Mas isso não está acontecendo. A verdade é que sem ter um norte, cada DJ está atirando para um lado.

Como há muito tempo não se via, remixes de hits do EDM voltaram a tocar em nossas pistas (com destaque para Tiesto, que está numa fase incrível).

Alguns DJs apostam em hits atemporais de divas, o que ainda funciona.

E vários estão bebendo na fonte do POP nacional e do FUNK, efervescentes, impulsionados pelo TIK TOK. Temos visto SETs inteiros com vocais nacionais bem bacanas.

Na média, o público parece estar mais satisfeito agora do que em 2019!

Temos uma teoria que poderia explicar em parte esse fenômeno.

Com datas escassas, muito tempo parado e sangue nos olhos de tocar, pela primeira vez, a maioria dos DJs está tocando para o público.

Oi? Como assim? Mas eles não tocavam antes? Veja bem: nem sempre…

Os clubs são, em sua maioria, ambientes tóxicos para os DJs.

Isso influencia as apresentações, pode fazer com que profissionais "toquem para outros DJs", ao invés de tocar para o público.

O medo de apertar o play em algo que não seja "bem visto" pelos colegas, sempre presentes em grande número, era real.

Ainda mais quando se era contratado por um grande club ou selo.

Sabe aquele comediante engraçado, que estoura e é contratado pela Rede Globo? Ganha um quadro no Fantástico, mas rapidamente perde a graça?

O humor perde a espontaneidade, fica "pasteurizado"?

Com o mundo DJ é igual. Ao tentar se moldar à sonoridade do club, acaba se afastando da sua essência, que é justamente o que lhe trouxe até ali.

Isso parece não acontecer nos eventos clandestinos.

Longe dessas amarras, os DJs aparentemente estão tocando mais felizes e relaxados, deixando a criatividade fluir.

Então o que podemos fazer para melhorar nossa cena? Penso que dois aspectos:

1) Vários talentos surgidos durante a pandemia (os quais são muito bem vindos, precisamos sempre de renovação) precisam de mais experiência, e um pouquinho mais de base teórica. Estudar sobre o passado, sobre o que já foi feito, para poder ter mais propriedade para tocar e produzir. Senão, corre-se o risco de "reinventar a roda".

2) Desde o cenário pré-pandêmico, nos descolamos demais da cena Tribal mundial. O que é péssimo.

Um pequeno exemplo: **Offer Nissim** lançou recentemente uma track incrível, na voz de **Deborah Cox: "Summer of Love"**.

Em outras épocas, causaria comoção. Até agora, tem passado batida.

Precisamos urgentemente voltar a tocar os lançamentos dos grandes mestres do circuito europeu, de Israel, Estados Unidos, México, e também das novidades que aparecem lá fora. Até a Ásia tem despontado com talentos incríveis (uma dica: procure saber sobre **DJ Toy Armada** e **DJ Big Kid**).

Está faltando aos nossos DJs essa pesquisa musical, para poder enriquecer mais nossa cena. E coragem para tocar o que foi pesquisado.

Transcrevo aqui um pequeno trecho de entrevista do mago **Peter Rauhofer** à **Folha de São Paulo**, em 2005:

"Folha – Então o público gay não tem a cabeça aberta?

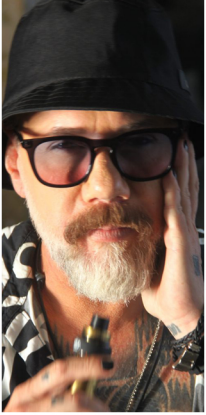
Rauhofer – Não muito. Eles querem ouvir o "som deles". É muito difícil educá-los musicalmente. O problema geral da comunidade gay é que eles se sentem num mundo próprio e não querem nada diferente. São muito implicantes. Acabam não tendo a cabeça aberta. Eles só confiam no que acontece dentro do universo gay, e muitas vezes é difícil convencê-los de que há outros estilos.

Folha – Alguns dizem que os gays não ouvem música boa.

Rauhofer – Depende do DJ que toca. Estou falando da grande maioria dos gays que saem para dançar em clubes à noite. Você tem de enganá-los, tocar o que eles querem e combinar com músicas diferentes das que eles ouvem normalmente."

De certa forma, Rauhofer e Jobs, cada um dentro do seu segmento, versaram exatamente sobre esse comportamento humano. E é sobre isso que precisamos falar mais.

VITOR FARIA



COLUNA

Pista Cheia não cabe Divisão

A música une pessoas de diferentes classes, países, etnias e culturas. E no caso da música eletrônica, o local dessa comunhão é a pista de dança e como disse bem uma bela canção do Faithless, nesse momento, "God is a DJ (Deus é um DJ)".

Assista ao vídeo: Faithless - God Is a DJ (Official Video)

Só que a situação política do momento fez aflorar sentimentos danosos que tem como objetivo a não aceitação do outro como diferente. E isso não cabe numa pista de dança.

Há tolerância para tudo, exceto para o intolerante. O intolerante divide, cria conflitos baseados em preconceitos e ignorância e isso não é ponto de vista.

Infelizmente muitas posturas vieram à tona, até de quem promove ou toca para o que deveria ser um momento de união. Pasmem!

É inaceitável, por exemplo, um homofóbico dançar ao som do Empirion, Duo de Techno/EBM que em seu último album, Resume, deixa explicito no título de uma de suas faiaxas: "Hate The Hate" (Odeie o Ódio). Ou dançar ao som do consagrado The Chemical Brothers, que claramente teve posturas contra o Brexit ou contra o avanço da Extrema Direita na Inglaterra.

Assista ao vídeo: Hate the Hate

Empirion, duo de Tecnho / EBM que inclui em uma das faixas um discurso de ódio rebatido pelo próprio título da faixa: Hate The Hate.

O próprio The Chemical Brothers previu conflitos no vídeo "Out of Control" e mostrou que somos todos iguais em "Hey Boy, Hey Girl", mostrando que somos todos esqueletos. Esqueletos lotando uma pista, vale lembrar.

Assista ao vídeo: The Chemical Brothers Out Of Control (Official Music Video)

Assista ao vídeo: The Chemical Brothers Hey Boy Hey Girl (Official Music Video)

The Chemical Brothers mostrando que somos todos iguais numa pista de dança!

The Prodigy, é uma das principais bandas referências da dance music mundial, mostra, em entrevista para NME magazine, seu lado anárquico contra políticos que só pensam em benefício próprio e evidenciando que música pode sim ser combativa.

Capa da revista NME. Foto: Reprodução/NME.

Sim, a música eletrônica é combativa também e o que ela combate é exatamente quem quer dividir.

Por isso, não cabe divisões em uma pista de dança. Pista de dança cabe união, suor, sintonia e amor – amor sobretudo pela música – que é Universal.

Sigamos os passos e nas batidas do Danny Tenaglia: "MUSIC IS THE ANSWER"

HATE THE HATE!!!!

Assista ao vídeo: Celeda
Music Is The Answer (Danny Tenaglia)

Texto em colaboração com Alexandre Queiroz

BACANA MUSIC

ENTREVISTA

Allison Nunes: DJ brasileiro com mais de 50 apresentações na Colômbia

O DJ Allison Nunes soma mais de 50 apresentações em gigs na Colômbia, além de se apresentar em diversos países espalhados pelo mundo, como: Espanha, Inglaterra, França, México, Panamá, Equador, Costa Rica, Argentina, Chile e Estados Unidos, consagrando assim a sua carreira internacional com oito anos de história (2013).

Levando o Tribal House como a principal vertente tocada em suas gigs, Allison já tocou em eventos de grandes selos da cena como **Papa Party** (Cartagena), de **Eliad Cohen**, **XIsior** (Rio de Janeiro), **We Party Sandia** (H&H Bahia) e **Supermartxé** (BH e SP). Por 5 anos, Allison foi residente do **Grupo Super Festas** (SP), e hoje representa os selos **Fresh**, **Bubu** (SP), **Industry Club Medellín** (Colômbia) e **Freedom Festival Maspalomas** (Espanha).

O brasileiro tem um estilo bem variado, podendo passar pela House, Club, Tribal e Tech, mas sempre com a influência da real House Music. E agora você pode conhecer um pouco melhor da história desse grande artista, praticamente colombiano, onde ele conta um pouco mais de sua trajetória e experiências com os grandes selos que proporcionaram encontros com seus ídolos. *Confira agora a entrevista:*

> **“Eu sempre respeitei muito a profissão, a história que há por trás, os grandes DJs que construíram tanto pra que hoje pudéssemos estar tocando na cena.”**
> Allison Nunes.

COLORS

Sabemos que você iniciou sua carreira oficialmente em 2013, mas como começou tudo isso? O que te levou a seguir esse amor pela música de forma profissional?

Meu amor pela música eletrônica aflorou mais ou menos aos 13 anos de idade. Até começar a tocar passaram-se 10 anos. Nesse período eu pesquisava muito, vários estilos de música. Quando conheci o Tribal House me apaixonei de cara. O cara que sempre me incentivou e acreditou no meu potencial foi o dono do **Super Festas**, **Maurici Salles**.

A gente ia nas festas e eu ficava enchendo o saco falando da próxima música, que o DJ já tava virando tal música, meio que narrando o que estava acontecendo, coisas que a grande maioria do público não percebe. Ele sempre falava que eu deveria ser DJ, que poderia dar certo, só dependia de mim. Eu sempre respeitei muito a profissão, a história que há por trás, os grandes DJs que construíram tanto pra que hoje pudéssemos estar tocando na cena.

O primeiro lugar que toquei profissionalmente além das festas privadas foi o **After Euphoria**, quando ainda era no **Divina Club**.

Eu levava meu equipamento, e a pistinha onde eu tocava cabia no máximo umas 30 pessoas. A primeira vez que fui tocar deu problema no som, foi bem frustrante. Na segunda vez também houve um problema, me lembro que fui até minha casa e busquei os dois monitores de áudio que tenho, pois a caixa de som tinha dado pau. Ali eu tocava das 6 até 12:00, 1, 2, 3 da tarde… Nessa época eu cheguei a fazer sets de até 10hs de duração, isso foi um grande aprendizado. Quando comecei nem ensaio de fotos eu tinha, eu estava mais preocupado em aprender e criar uma identidade, não tinha $ também pra um bom photoshoot, minhas primeiras fotos foram feitas por um amigo que não é fotógrafo e meu primeiro flyer saiu com uma foto de celular.

Revolution - Armazém da Utopia - Carnaval Rio de Janeiro. Foto: Divulgação

Fresh Pool Party (São Paulo, BR). Foto: Divulgação

Você já participou de line ups ao lado de grandes nomes como Offer Nissim, Sagi Kariv, Mor Avrahami, Ralphi Rosario, entre outros. Dentre esses line ups tem algum que te marcou mais?

Em Florianópolis eu fechei a Beach Party do carnaval de 2015, toquei no final do set a versão original de "Chá Cha Heels", da dupla **Rosabel**. Na festa da noite, **Abel** abriu o set com o sample dela, que é um saxofone. Tendo apenas 2 anos como DJ na época, isso foi bem marcante pra mim, era algo surreal. Há pouco tempo eu estava no fundo do after carregando meu equipamento pra tocar para 20 pessoas.

Assista ao vídeo: Dj Allison Nunes Hell & Heaven Festival 10 anos

Você estreou no Festival Hell & Heaven no ano de 2016 e até hoje esteve presente em todas as edições, conta um pouco pra gente sobre essa parceria que deu super certo.

Minha primeira vez na **Hell** foi uma edição extra que rolou em Trancoso, para um pequeno grupo de pessoas. Eu toquei na festa da **Xlsior**, era pra ser uma Beach Party à noite, porém a chuva não colaborou, e acabou sendo indoor a festa – deu uma quebrada na vibe, achei que não teria outra oportunidade rs. Porém me chamaram para o ano seguinte, onde toquei na **We Sandia** dentro do festival, uma das principais festas daquele ano, depois veio 2018 onde toquei na **Mascarade**, que foi a festa mais comentada do festival. Em 2019 abri a Main Party, uma grande responsabilidade. Também representei a **H&H** no **Milkshake Festival**, um dos maiores festivais de música eletrônica do mundo. O que o que mantém essa parceria é o respeito e profissionalismo mútuo. Eu amo tocar na Hell!

Allison na We Sandia (H&H). Foto: Divulgação

Allison na We Sandia (H&H). Foto: Divulgação

Luis é meu amigo, já tocamos juntos no Brasil e sempre nos falamos pelas redes sociais ou WhatsApp. Ele remixou a "Kiss U Now", na época ele falou comigo que queria fazer o remix, eu nem acreditei, fiquei super feliz e lisonjeado. O convite da **Las Fieras** partiu de mim também, eu que procurei ele pra remixar uma outra faixa, e ele me convidou pra fazer o de Las Fieras. Amo Luís, ele é um dos pioneiros da cena e é fundamental para todos nós.

Ouça o single: Kiss U Now

Como foi ver "Kiss U Now" ser tão bem recebida na cena nacional e internacional, tornando essa música seu maior sucesso?

Eu ouvi uma das minhas maiores referências tocando "Kiss U Now", o grande mestre **Abel**, da dupla americana **Rosabel**. Teve um sábado que fui na **La Leche** na **The Week** e o **DJ Tomer Maizner** também tocou. Isso representou muito pra mim.

> **"Acredito que o que me fez chegar até aqui foi o amor que tenho pela música, dedicação e fé..."**
> Allison Nunes.

Conseguir um espaço em festas fora do nosso país natal é muito difícil. Como iniciou a sua carreira internacional?

Em 2014 fiz minha primeira Gig Internacional. Eu conheci o produtor **Miguel Nieto** na **The Week** e alguns meses depois ele me levou pra tocar no **El Mozo** (em Bogotá, na Colômbia) e também em Cartagena. Após isso eu voltei a tocar fora somente em 2016.

Tudo aconteceu naturalmente, comecei a tocar em festas maiores e os convites foram surgindo aos poucos. É preciso ter paciência e perseverança.

Além de tocar fora do país, veio o momento tão aguardado de fazer uma tour por vários países. Como foi ficar 9 meses fora do Brasil? E desses países, qual você tem mais vontade de retornar?

Nesse período foi diferente, não diria melhor nem pior que antes, foram apenas bem diferentes as experiências, principalmente no início, quando as festas estavam começando a acontecer. Era um misto de sensações, ao mesmo tempo eu estava feliz, um pouco preocupado, me sentia estranho também, pois já não tinha aquele ritmo de tocar todos os finais de semana. Teve meses de eu ter apenas 2 ou 3 gigs, mas eu sempre acreditei que tudo voltaria ao normal e graças a Deus falta muito pouco, já estamos na reta final.

Eu amei tocar no México novamente, a experiência que tive em Puerto Vallarta é algo que quero repetir.

Totalizando 50 apresentações na Colômbia, o que comprova o sucesso que fez no país. Como você descreveria essa experiência?

Colômbia é minha segunda casa, sou privilegiado em ter o carinho dos colombianos e a oportunidade de trabalhar com tantos profissionais incríveis. Sou muito grato ao público, DJs e produtores por sempre me receberem como família. Eu amo a Colômbia, recomendo a todos que um dia conheçam esse país maravilhoso.

Tour por vários países somado a 50 apresentações só na Colômbia. O que você acredita que te fez conquistar tal feito?

É maravilhoso tocar fora, são experiências únicas e surpreendentes. Acredito que o que me fez chegar até aqui foi o amor que tenho pela música, dedicação e fé, Deus se encarrega de abrir os caminhos sempre.

Assista ao vídeo: Allison Nunes playing "Domino" at Hell & Heaven Festival 10 years 2018

> **"Um DJ preparado precisa saber o que tocar e a hora de tocar."**
> Allison Nunes.

Com um estilo variado, indo do House, Club, Tribal até o Tech, mas sempre com influência da real House Music, o quanto você acredita que essa diversidade acaba influenciando e te ajudando muito a consagrar um grande espaço fora do seu país?

Você me perguntou acima sobre a parceria com a **Hell & Heaven**, acho que essa versatilidade no som é um grande ponto positivo. Eu sempre abri as festas no festival, e sempre fiz um som adequado para o momento, você não pode ter um set na cabeça e querer tocar ele em todas as ocasiões, isso não vai dar certo. Um DJ preparado precisa saber o que tocar e a hora de tocar. Em países como Estados Unidos, normalmente um DJ abre e o outro fecha, você toca por muitas horas, é necessário construir uma atmosfera, principalmente o DJ que abre a pista.

Allison Nunes se apresentando na Hell & Heaven.
Foto: Divulgação.

Allison Nunes se apresentando na Hell & Heaven.
Foto: Divulgação.

Allison Nunes se apresentando na Hell & Heaven.
Foto: Divulgação.

Allison Nunes se apresentando na Hell & Heaven.
Foto: Divulgação.

Com tanta experiência, a gente fica com aquela curiosidade em saber qual foi o momento mais marcante da sua carreira?

Tocar para 20.000 pessoas em Maspalomas, nas Ilhas Canárias. Esse dia foi sensacional, meu set era de 2hs e pediram pra estender, eu toquei cerca de 4hs, com uma atmosfera inexplicável. Era o Pride, havia uma energia incrível, muito amor e respeito.

Allison em Maspalomas, nas Ilhas Canárias. Foto: Divulgação.

Allison em Maspalomas, nas Ilhas Canárias. Foto: Divulgação.

Assista ao vídeo: Dj Allison Nunes at Freedom Festival Maspalomas España

> **Temos que respeitar e ajudar a combater o preconceito e a violência contra os povos originários.**
> Allison Nunes.

É muito comum associar a sua imagem à cultura indígina, principalmente porque você já fez um ensaio em uma tribo. Qual a sua relação com a Amazônia e os índios?

Conheci um pedacinho da Amazônia há pouco tempo, quando fui tocar em Manaus, e aproveitei pra conhecer uma tribo dos povos originários indígenas. Lá aprendi um pouquinho sobre a cultura, seu dia a dia, seus rituais, crenças, o que comem, enfim como qualquer outro ser humano, porém diferentes. Eles são felizes ali, esse é o lugar deles e ninguém tem o direito de tirá-los. Além disso eles são os maiores protetores das nossas florestas, extremamente importantes para o planeta. Temos que respeitar e ajudar a combater o preconceito e a violência contra os povos originários. Esse dia foi bem rápido, gravei um vídeo que às vezes uso como backdrop em minhas apresentações e também fiz algumas fotos. Já me perguntaram se sou indígena, a resposta é não, mas creio que todos nós, brasileiros, de alguma forma temos um pedacinho deles no nosso gene e na nossa história. Eu espero voltar um dia e poder passar mais tempo na Amazônia, e me aprofundar mais na cultura indígena.

Allison na Amazônia. Foto: Divulgação.

Allison na Amazônia. Foto: Divulgação.

Allison na Amazônia. Foto: Divulgação.

Allison na Amazônia. Foto: Divulgação.

Allison na Amazônia. Foto: Divulgação.

Allison na Amazônia. Foto: Divulgação.

Estamos chegando no fim e queremos saber quais são seus próximos planos para sua carreira? Como você se vê com esse novo formato da nossa cena pós pandemia?

Focar na produção, tem muita novidade vindo por aí. A cena mudou, porém a boa música sempre terá espaço, esse é o meu foco.

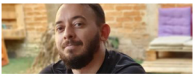
Para finalizar, deixe um recado a todos os fãs de seu trabalho e aos leitores da revista Colors DJ Magazine.

Gratidão! Obrigado a todos que me acompanham, que curtem as músicas, sets, fotos, enfim seja apenas um like, você já é especial e faz parte dessa jornada. Espero vê-los em dezembro no meu retorno ao Brasil, não vejo a hora de rever todos vocês.

SOUNDCLOUD

SPOTIFY

INSTAGRAM



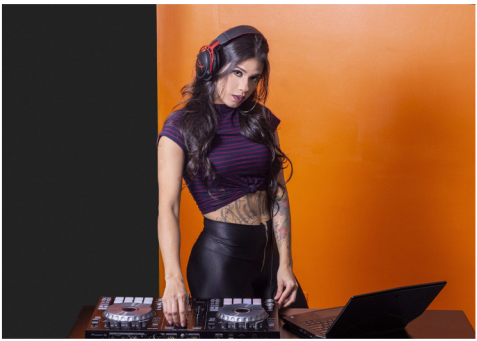
DIEGO AGANETTI

TEXTO EM COLABORAÇÃO COM:

FELIPE RIBEIRO

COLUNA

O importante equilíbrio entre a boa música e o material de divulgação



Ensaio da Katty Dalle. Foto: Roberto Justiça.

Sempre fui fisgado por ensaios fotográficos envolvendo DJs, aquilo me convida a conhecer o trabalho do artista através de uma curiosidade que é gerada ali no contato com a arte visual. Conversando com pessoas desse universo, fui tomando conhecimento a respeito de divergências sobre o assunto, alguns DJs não compram a ideia do Press Kit, pois acreditam que isso possa desviar o foco do principal, a música! Eu tenho uma opinião diferente, acredito que um ensaio fotográfico é uma ferramenta que ajuda na divulgação do trabalho do artista.

Lembrando que minha vivência no mundo da E-music é toda voltada para a cena underground, onde os DJs têm a arte como foco. Certamente o Business também está presente, mas a arte é o principal, então tudo que vou falar aqui se aplica nesse universo.

O Press Kit é uma peça dentro de um pacote. Um bom ensaio fotográfico, ao meu ver, funciona como uma espécie de convite para conhecer o que aquele artista tem para mostrar. O ensaio pode ser criado de uma maneira que expresse o conceito do trabalho do DJ, o que é muito legal, **duas formas de arte atuando juntas!**

Como falei acima, alguns DJs não gostam da ideia. Tem uma galera que acredita que o Press Kit é uma maneira "superficial" de se promover, tirando o foco daquilo que mais importa que é a música, a arte, o talento. Eu super entendo quem pensa dessa maneira! Como disse um amigo meu, "Arte pela arte". Mas e se o tal ensaio fotográfico entra como um complemento, "Uma peça dentro de um pacote" que está ali para agregar, proporcionando oportunidades de instigar o público a conhecer o trabalho do artista?

Nós que atuamos em veículos de mídia trabalhamos usando a arte visual para poder mostrar a cara daquele DJ, o que na minha ótica "humaniza" aquele "ser" que está por trás da música. Eu sinto vontade de saber mais sobre a pessoa que me proporcionou bons momentos através de sua arte, e também fico curioso para ouvir o trabalho daquele artista que vi em uma revista.

Para elaborar essa pauta de maneira mais ampla, conversei com 2 artistas visuais, o curitibano **Eudig** e o paulistano **Roberto Justiça**.

Eudig faz um trabalho bem interessante fotografando artistas do mundo da música, ele também integra o **Coletivo 4×4** em sua cidade.

Segundo o Eudig:

"A parte fotográfica do 'Press kit' tem um papel interessante na relação do artista com a sua arte. A fotografia produz uma extensão da expressão artística que é criada pelo artista e apresentada pelo fotógrafo. ***Quando produzido com atenção, o 'Press kit' serve como uma ferramenta muito importante para o artista divulgar sua imagem de uma forma que relacione a sua estética sonora com a sua estética visual."***

Nati M. Foto: Eudig.

"Eu busco sempre conversar com o artista, tento entender um pouco sobre o conceito estético que busca mostrar para o público, começo entendendo qual é o ambiente que vamos fotografar, as luzes, o styling, mas sempre faço uma pesquisa particular para conhecer um pouco mais sobre o trabalho do artista, ouvindo suas tracks, ouvindo seus sets. Eu entrelaço todos aqueles sentimentos que retive pela música que escutei, o conceito estético que buscamos e adequo com o que é esperado pelo artista fotografado. Por fim, o produto final é o resultado de uma colab magnífica entre expressões artísticas que se complementam em suas frentes."

sixx66. Foto: Eudig.

Enxergo nas palavras do Eudig todo um engajamento artístico do fotógrafo, voltando sua atenção para o trabalho do DJ e transpassando isso para a fotografia.

Roberto Justiça atua no ramo de fotografia há mais de 8 anos, já cobriu coletivas de imprensa para a revista **Globo**, **SPFW**, feiras de negócios e campanhas publicitárias para grandes marcas.

Segundo ele:

"Vejo no mundo de festas eletrônicas um nicho promissor, mas com uma grande resistência dos produtores de festas e DJs em investir em material de qualidade."

"Press kit vai muito além de fotos bonitas para divulgação da imagem do DJ ou qualquer outro artista. Uma logomarca impactante, fotografias atuais e bem elaboradas já num formato para a produção de flyers, uma rede social bem cuidada com um público volumoso e que interaja, ter uma bio, alguns vídeos teaser do artista, ter um soundcloud ou outra plataforma com sets sempre atualizados ajudam muito o DJ na negociação para fechar um job.

Infelizmente vejo muitos DJs bons focando no desenvolvimento de suas técnicas, enriquecer seu repertório e acabam esquecendo de se promover – algo que é muito importante na visão do produtor de eventos, onde ele quer lotar sua festa e entre contratar um DJ mediano com um grande público ou um muito bom mas desconhecido vai pesar muito na decisão de qual chamar. Muitas vezes investir em um material de qualidade com um bom profissional com retratos, vídeos teaser e cobertura da festa que pode ir de R$600 a R$2.000 vale muito a pena a longo prazo, pois esse material traz mais público e deixa em evidência o DJ na cena, trazendo muito mais profissionalismo ao DJ."

Ensaio da DJ Katty Dalle. Foto: Roberto Justiça.

"Também ouço de alguns DJs que eles não querem ser muito comerciais, ao mesmo tempo reclamam que não são chamados para tocar em festas com um público maior, algo que para mim é incoerente, tudo bem se ele ou ela apenas enxerga ser DJ como hobby e toca por diversão, mas se a pessoa encara isso como um **objetivo** *e quer viver da música, com certeza deve levar isso a sério e se inspirar nos maiores DJs da cena, já que, se para eles deu certo por que não daria para os que estão começando?"*

Ensaio da Katty Dalle. Foto: Roberto Justiça.

"Ter um bom Press Kit e trabalhar com o crescimento de um público é algo exponencial – nos primeiros dois, três anos vai ser mais trabalhoso, mas à medida que esse público cresce o volume de seguidores cresce ainda mais.

Basicamente flui entre a função do Press Kit e seus benefícios para a carreira do DJ."

O Roberto traz uma visão bem comercial da coisa, todo um foco no marketing do artista.

No último depoimento eu quis trazer a visão de um produtor de eventos, convidei o Marcelo Madueño, também conhecido como **"Madu"**, um dos nomes por trás da **Tantsa**, uma das maiores festas da cena underground paulistana. Madu também atua em outros eventos como o festival alemão **Time Warp**.

Perguntei a ele a importância de um Press Kit na hora de bookar um artista para se apresentar em sua festa.

*"***Existem** *algumas coisas que são essenciais para um contratante executar bem o seu trabalho com o artista. Uma delas é o Press Kit, outras duas são o rider técnico e o rider de hospitalidade. O Press Kit é importante para que uma promoção do evento seja feita adequadamente. Nele contém tanto fotos como conteúdos legítimos e confiáveis de informação a respeito do artista. As peças de design que levam a foto do artista precisam ser aprovadas com o seu manager/booker, então essa padronização facilita o trabalho das duas partes e valoriza a imagem do artista. Já as informações são essenciais para que o artista seja devidamente apresentado ao público. O contratante sempre* **espera** *vender mais ingressos com o anúncio de um artista no line-up, então quanto mais forte esse conteúdo, mais ingressos ele venderá, o que poderá colocar o artista em uma melhor posição de carreira em suas gigs futuras."*

Em seguida perguntei se ele considera importante que os artistas tenham redes sociais.

"Antes das redes sociais, o poder estava centralizado em instituições que detinham acesso e controle dos canais de comunicação, como as gravadoras. Os artistas foram reféns dessa situação por muito tempo, sendo submetidos a relações abusivas com suas gravadoras.

As redes sociais deslocaram esse poder para as mãos dos artistas, gerando maior independência para suas carreiras e uma conexão direta entre eles e sua base de fãs. Quando o artista escolhe não estar nas redes sociais, ele limita bastante o alcance e engajamento do seu conteúdo criativo, e também a visibilidade para ser descoberto por novos fãs."

Muito interessante essa visão dele sobre artistas e redes sociais! Super concordo com o que foi dito, a possibilidade de o artista ter essa conexão direta com seu público é maravilhosa.

Para concluir, eu tenho uma ideia a respeito que diz:

"É importante o DJ saber o que ele quer para o projeto dele, ele pode querer tocar para poucas pessoas e fazer um trabalho incrível, ele pode almejar tocar em clubs e festas renomadas, onde dependerá dessa ferramenta de marketing para incrementar o pacote, enfim…. Ao ter essa visão, ele vai conduzindo sua carreira utilizando aquilo que é necessário para alcançar suas metas. Mas ele não pode deixar em segundo plano o principal elemento, a sua música!"

TIAGO JERÔNIMO

COLUNA

MENTE BLINDADA: Recomeços e Vibes

Meu nome é Marcelo Santana, sou graduado em Educação Física e com três pós-graduações no currículo. Autor do Livro – "Corpo Saudável Qualidade de Vida". Mas a minha caminhada até aqui não foi fácil.

Nasci em São Paulo, e com grandes exemplos de valores dos meus pais, Sr. Jessé Santana (segurança do Metrô aposentado) e Dona Edna Santana (dona de casa, guerreira).

Cresci no bairro do Jardim da Saúde e como a maioria dos adolescentes, meu sonho era ser jogador de futebol.Entrei no meu primeiro time aos 13 anos e estava me preparando para seguir carreira, quando aos 18 anos sofri um acidente de moto que quase foi fatal. Cheguei a jogar até os meus 26 anos quando vi que as minhas possibilidades esgotaram e até um pouco da minha fé.

Após deixar o futebol, superei 1 ano de depressão muito forte, e uma amiga insistiu para voltar a faculdade e concluir o curso de Ed. Física. E assim fui eu, durante semanas procurar a Diretora de uma faculdade para conseguir uma bolsa até finalmente ser aprovado.

E conto minha trajetória com muita paixão!

Quero deixar meu convite aqui para vocês seguirem acompanhando e juntos vamos interagir e levar muita VIBE e CONCEITO para agregar não só suas festas e eventos, mas também a sua Qualidade de Vida.

Confere aí o que vem chegando de novidade pra vocês aqui na coluna **MENTE BLINDADA**:

- Qualidade de vida;
- Dicas de treinos;
- Motivação;
- Entrevistas;
- Curtir o final de semana;
- Dicas Pós Festas.
- Sejam bem vindos!

A festa só começou!

MARCELO SANTANA

COLUNA

MENTE BLINDADA: Expectativa vs Realidade

Estamos atravessando um momento bem difícil e considero a ostentação da vez, **TER SAÚDE!**

Quando falo sobre Saúde, me refiro a algo que vai além da estética, é sobre ter exames de rotina, sobre boa alimentação, atividade física, uma boa hidratação e a **MENTE BLINDADA**.

Nesses anos de carreira como Personal Trainer, conheci muitas pessoas e cada uma com suas histórias de vida e superação, mas em quase todos os casos o número de desistência em busca do "Projeto Verão" ou até mesmo qualidade de vida são muito significantes. De 0 a 10 alunos que se matriculam numa academia e vão fazer por conta seus exercícios e tentar mudar seus hábitos, apenas 2 alcançam seus objetivos e os demais por motivos que muitas vezes são pequenos acabam desistindo.

Tenho certeza que muitos professores já foram abordados por alunos que buscam de maneira imediata e radical uma mudança no corpo, isso para emagrecer ou ganhar massa muscular, e está mais que comprovado que todo radicalismo não é sustentável!

Depois da semana agitada, começa o "happy hour" para esquentar o final de semana, afinal de contas merecemos curtir um som e encontrar os amigos, e alguns padrões criados até mesmo pela mídia, considerando o FITNESS a mulher com "glúteo todo treinado" e o modelo da "barriga de tanquinho" sendo o que seria ideal, afasta total da realidade e intimida.

Temos que ter cuidado com nossas expectativas e lembrar que a mulher malhada e o modelo sarado vivem para isso, frequentam clínicas de estética e conseguem todos recursos para não furar sua dieta durante o dia, e isso acaba distanciando quem vive na correria e ainda precisa chegar em casa muitas vezes e cuidar da família.

A realidade é lembrar que somos capazes, mas existe um processo e dentro na nossa realidade o que chamo de "novela da vida real" é traçar metas pequenas, sem loucura, sem remédios para emagrecer e entender que se apaixonar pelo processo é dizer SIM para seu Amor Próprio e nem sempre estaremos motivados, mas que a disciplina prevaleça!

Encontre uma atividade física que te motive!

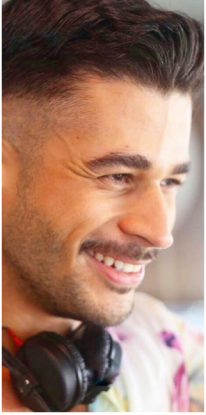
Nunca se esqueça que você é capaz!

Mude seus hábitos, depois eles mudarão você!

Eu quero! Eu posso! Eu consigo!

MENTE BLINDADA

MARCELO SANTANA



COLUNA

E pra você? A vida é boa?

Gal Costa acabou de cantar aqui na minha caixa de som: "Não se assuste pessoa, se eu lhe disser que a vida é boa!" **E posso ser sincero?** Você pode até achar que isso é uma dose de positividade tóxica vindo de mim, mas é que só de lembrar dos momentos bons que eu tive, e que penso em ter, faz com que um outro mundo surja na minha frente. É que às vezes a gente acaba alimentando os sentimentos que não são tão agradáveis, afinal tem muita coisa triste acontecendo. É desafiador falar disso sem parecer exageradamente positivo e "fora da casinha", eu entendo. Acho que devemos estar em observação para que não seja uma percepção ilusória e nos faça sair da realidade, nos afastando de nossas responsabilidades. **Mas será que todas as situações de dor e tristeza que vemos e vivemos irão nos moldar para sempre?** Sinto que precisamos falar de coisas que podem se tornar boas.

Nesse mundo dentro da gente onde tanta coisa acontece, e que passeamos entre alegrias e tristezas, eu gosto de convidar o tempo para caminhar comigo. Para uma pessoa ansiosa como eu isso não é tão fácil de fazer como escrever aqui, pois perceber que um sentimento menos alegre está tomando conta pode ativar o gatilho para buscar mudar aquele "*mood*" imediatamente. Mas acredito que, além de ser saudável nos permitirmos viver o luto de um ciclo que se fecha, por exemplo, também busco lembrar que as emoções e suas reações podem ser exercitadas. E como o dicionário diz, exercício é uma atividade que se pratica para aperfeiçoar ou desenvolver uma habilidade, qualidade ou capacidade.

Estar feliz o tempo todo não é obrigação, e buscar por isso é alimentar frustrações. Precisamos nos lembrar que a vida está em constante movimento e isso com certeza trará emoções de todas as qualidades, e lutar contra aquilo que não nos alegra, na verdade, é gasto de energia. Querer resolver todas as coisas da vida de uma só vez, também. Precisamos nos lembrar que nada é para sempre, e que a vida é feita de momentos e eles passam. Como disse o psicólogo israelense **Tal Ben-Shahar**: "*A obsessão por ser feliz o tempo todo faz as pessoas se sentirem péssimas*".

Portanto, a minha volta para esta coluna é também um convite para que a gente esteja em movimentos que nos levem a uma compreensão maior de nossas dores, acolhimento de nossas angústias, leveza nas preocupações, e claro, como sempre digo: Autocuidado e a busca de ajuda profissional ou rede de apoio quando sentir que precisa.

Não se assuste, pessoa! A vida é boa… pode não ser todos os dias, mas isso também faz parte.

ARTHUR VALLETI

COLUNA

MENTE BLINDADA: Projeto verão é saúde e vai muito além da estética

Foto: Bruno Prado.

Nesses anos de carreira já presenciei e ouvi muitas versões sobre o "**Projeto Verão**".

Para quem gosta de desafios, serve como um combustível de motivação, afinal, manter uma rotina de atividades (profissionais e domésticas) e ainda ter tempo para cuidar da qualidade de vida é uma tarefa árdua. Você não entendeu errado, qualidade de vida, porque sim, o projeto verão vai além da estética.

É bem verdade que ao ouvir "**Projeto Verão**" na maioria dos casos, pensamos em emagrecer, barriga tanquinho, focar na dieta e correr até alguma academia para se matricular.

É cada vez mais importante falar de atividade física, principalmente quando avaliamos que pequenos costumes que tínhamos estão ficando raros, exemplo:

Ir ao mercado a pé - delivery;
Subir e descer escadas - elevadores;
Brincar filhos - celulares.

Estamos numa fase de ressignificar e considerar como hábitos "**movimentos diários e simples**" que vão além da estética, pois o que nos une no final das contas é a qualidade de vida, a satisfação pessoal e individual de cada pessoa.

Seja andar de bike ou corrida; treino funcional ou musculação; natação ou pilates.

Encontre uma atividade física que te motive! É fundamental que no começo você cultive boas lembranças. Tenha sempre em mente o seu propósito ou a sua meta, assim quando chegar a hora de praticar sua atividade física, vai estar mais engajado(a) para atingir seus **RESULTADOS**, mantendo-se fiel ao seu projeto.

Nossas funções fisiológicas e neurais funcionam e se preservam de acordo com nosso comprometimento com algo que nunca devemos deixar ou esquecer: **O AMOR PRÓPRIO!**

Neurotransmissores em alta e contribuindo com a sensação de bem-estar, combatendo o cortisol (hormônio do estresse) e ansiedade, proporcionando dias mais leves, seguido de uma noite com melatonina sendo produzida (hormônio que melhora a qualidade do sono) e preservando raciocínios, tempo de reação e coordenação, afinal um corpo em **MOVIMENTO**, um **CORPO SARADO** e com **QUALIDADE DE VIDA** é a meta de vida, principalmente também para quem quer chegar na "**MELHOR IDADE**" curtindo festivais e muita sonzera (que é o meu caso!).

ANOTE AÍ! TOP 5 – Dicas básicas e essenciais para te ajudar na rotina diária:

1 - Faça atividade física próximo de casa (seja na academia ou praça) e organize sua roupa de treino no dia anterior.

2 - Musculação é o carro chefe, mas não significa fazer todo dia caso não goste, por isso experimente várias opções até se identificar.

3 - Entenda seu quadro atual de condicionamento e não queria resolver em 1 semana o que ficou anos sem atividade.

4 - Ter um parceiro (a) de treino é um grande fator positivo para sua retenção na atividade física.

5 - Música – VIBE – liga o som!

Imagina uma máquina (nosso corpo), com estímulos (atividade física) em total condições e isso refletir em **SAÚDE E BOAS ESCOLHAS**.

MENTE BLINDADA

MARCELO SANTANA

ANO II
ED. 01

COLORSdj

JUSKO

A NOVA GERAÇÃO DE DJ/PRODUTOR AMERICANO

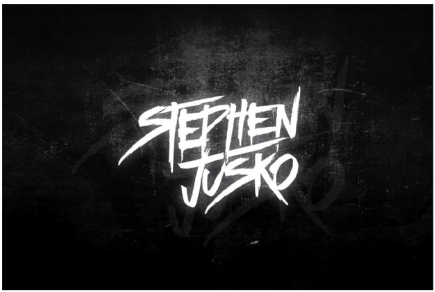
ENTREVISTA

JUSKO: A nova geração de DJ/Produtor Americano

Stephen Jusko é DJ & Produtor norte americano e reside em College Station, Texas. O trabalho de produção de Jusko aparece em vários lançamentos oficiais de remix para gravadoras como **Queen House Music**, **Swishcraft Records**, **Pump Records** e **Epride Digital Records**.

Suas apresentações são enérgicas e seus remixes são reproduzidos em pistas EDM Mainstream, Tribal House, Tech House, Bass House, House Clássico e House Progressivo. Jusko sempre atende a seu público com vocais os quais podem cantar junto com músicas que marcam momentos especiais por muito tempo depois de terem experienciado sua performance. Com sets que vão desde vibrações felizes durante Day Parties até a poderosa energia do Peak Hour ocasionalmente acompanhados por vibrações sexy nos Afters Hours.

Jusko oferece um material extraordinário e singular toda vez que comanda as pistas. E agora vocês vão poder conhecer um pouco mais dessa grande aposta. Confira nosso bate-papo:



Como você começou a discotecar?

Minha paixão por tocar começou com minha paixão por criar música. Depois que fui inspirado por ouvir música eletrônica, comecei a ter todas essas idéias para músicas sozinho. Então decidi que queria aprender a criar música eletrônica. Aprendi sozinho a criar música no meu próprio computador. Depois de ter todas essas músicas que fiz, eu as compartilhava com DJs de clubs locais que as tocavam em seus sets, mas não era o suficiente.

Eu queria compartilhar minha música no palco. Então eu aprendi sozinho como mixar essas faixas em um conjunto. A partir daí, tive a oportunidade de ocupar a cabine de DJ em boates locais. Depois disso, me apaixonei por completo. Eu sabia que isso era o que queria fazer para sempre.

Quais são suas grandes influências e como você começou a produzir?

Originalmente, a música trance me atraiu e me fez querer começar a fazer música sozinho. Podcasts de Armin Van Buuren e Sean Tyas realmente chamaram minha atenção. Eventualmente, descobri o bigroom tribal indo para Richs, em Houston, e ouvindo o DJ Joe Ross, e rapidamente fiquei viciado. Eu estava tão inspirado que tive que fazer esse tipo de música sozinho. Produtores musicais tribais como Dani Toro, Leo Blanco, Mauro Mozart, Edson Pride, Tony Moran e Toy Armada influenciaram muito meu desenvolvimento na minha música. Eu admiro eles e incontáveis outros ainda hoje.

Como você conheceu o DJ Blacklow e quando aconteceu sua parceria com ele?

Eu conheci o DJ Blacklow entrando em contato pelo Instagram, apenas para sugerir meu remix de "High Horse", de Kacey Musgraves, porque ele tinha um evento com o tema country western no qual iria se apresentar. Ele gostou tanto da minha música que sugeriu que colaborássemos em um projeto juntos. Eu agarrei a oportunidade. Acontece que trabalhamos tão bem e desenvolvemos uma amizade tão grande que continuamos a fazer músicas juntos. Ele abriu tantas portas para mim na indústria da música e estou muito grato pelo que ele fez.

"Never Really Over", de Katy Perry, chamou a atenção do empresário de Perry, que deu a eles as raízes oficiais de seu próximo single, "Small Talk", que foi o single mais baixado e ouvido deles até agora. Como foi sua experiência com isso?

Foi uma experiência incrível. Poder conversar diretamente com o produtor da Katy Perry sobre as perspectivas de Blacklow e meu trabalho se tornarem oficiais, foi surreal. Felizmente, ainda temos um bom relacionamento com sua administração.

Atualmente você se dedica a aprender português. Como esse interesse aconteceu?

Decidi que queria aprender português quando vi que minha música estava se tornando cada vez mais popular no Brasil. E por conta disso, comecei a fazer mais amigos no Brasil. Todos que eu conhecia do Brasil sabiam inglês, mas eu queria conhecê-los no meio do caminho e aprender português. Em parte como um gesto e em parte como uma experiência de aprendizagem cultural e para exercitar minha mente. Aprendi espanhol na escola primária, mas também queria falar outras línguas. Em seguida, quero aprender francês e italiano.

Há expectativa de tocar no Brasil?

Eu espero que sim! É um sonho meu ter a oportunidade de me apresentar no Brasil. Para compartilhar minha música e energia neste país.

Quando você começou sua carreira, quais eram suas expectativas e o que realmente aconteceu?

Quando comecei a produzir e entrar no ramo de DJs, nunca pensei que iria tão longe quanto fui. Quanto mais eu era inspirado e influenciado, mais e mais eu queria alcançar e tocar para públicos maiores, e compartilhar minha música com mais pessoas. Tive a sorte de ter tido essa oportunidade com alguns proprietários de clubs e promoters de tocar para grandes multidões, e isso só me fez querer tocar mais.

Quais etapas foram essenciais para a construção de sua carreira e qual seria o seu conselho para quem quer começar na área?

Acredito que aprender os fundamentos e o básico é extremamente importante. Dominar os aspectos técnicos é absolutamente essencial para ser capaz de expressar com eficácia essas emoções e sentimentos por meio da arte para outras pessoas. Também acredito que ser verdadeiro consigo mesmo é importante para desenvolver o próprio estilo. Você pode usar todas as suas influências e conhecimento técnico para realmente se expressar.

Você já se apresentou em várias festas e ao lado de ótimos DJs e produtores. Conte-nos um pouco sobre essas experiências e quais foram as mais marcantes para você?

A primeira vez que realmente fui DJ para um público que estava lá pela música tribal, pude dividir o palco com Dani Toro. Foi para a RAM Party em Austin, Texas. Dani é um grande DJ global e ele foi muito legal comigo. Eu disse a ele que estava animado em abrir para ele. Ele disse: *"Você não está abrindo para mim. Somos DJs juntos."* Isso realmente me tocou que ele iria me tratar como igual, embora ele fosse um DJ muito maior do que eu. Mais tarde naquela noite, como meu set estava chegando ao fim, eu estava pronto para entregar os decks para ele, mas ele disse *"Este é o seu momento."* Eu não sei o que ele quis dizer. E quando a música acabou, o público gritou, bateu palmas e aplaudiu. Foi uma das melhores experiências da minha vida e foi quando entendi o que ele quis dizer. Este ano, dividi a cabine com o GSP para a festa de Ano Novo com a DNRMX. Eu estive em contato com ele porque fiz alguns remixes oficiais para sua gravadora, Queen House Music. Eu finalmente consegui conhecê-lo pessoalmente e ele e Nina Flowers me cumprimentaram como uma família e me fizeram sentir extremamente especial.

Dani Toro e Jusko - Houston Eagle.
Foto: Reprodução / Instagram.

GSP, Nina Flowers e Jusko - Denver Max (DNRMX).
Foto: Reprodução / Instagram.

Jusko e Nina Flowers - RAM Party (Dallas).
Foto: Reprodução / Instagram.

Você está trabalhando atualmente em um projeto? O que podemos esperar para 2021 e 2022?

Sim, estou. Blacklow e eu estamos nos preparando para um novo lançamento que virá neste outono, com um pacote de remix completo a seguir. Eu também tenho algumas ideias que quero desenvolver e liberar eventualmente.

Jusko. Foto: Reprodução / Instagram.

Como a pandemia afetou sua carreira e o que você fez para mantê-la?

Quando a pandemia atingiu, devastou minha carreira, como fez com quase todos os DJs do mundo. Perdi muitas datas importantes que deveriam impulsionar minha carreira. Em vez disso, fiquei confinado à minha casa. E, em vez de não fazer nada, canalizei meu tempo e energia para fazer mais e mais músicas para manter o ímpeto o máximo que pude, para que pudesse voltar com força total assim que fosse possível.

Encerrando nossa entrevista, gostaria de deixar uma mensagem para seu público e para todos aqueles que contribuíram com sua jornada?

Aos que contribuíram em minha jornada, agradeço do fundo do coração. Eu não vou esquecer. Eu sou mais grato do que você imagina e vou lembrar de tudo. Para aqueles que seguem e apoiam minha música, eu agradeço muito e fico por aqui porque estou apenas começando minha carreira. Há muito mais música por vir.

FACEBOOK STEPHEN JUSKO

TWITTER

INSTAGRAM

TUMBLR

SOUNDCLOUD

FACEBOOK JUSKO MUSI

DIEGO FERNANDEZ

INTERVIEW

JUSKO: The New Generation of American DJ & Producer

Stephen Jusko is a North American DJ & Producer based in College Station, Texas. Jusko's production work appears on several official remix releases for record labels such as **Queen House Music**, **Swishcraft Records**, **Pump Records** and **Epride Digital Records**.

His performances are energetic and his remixes are played on EDM Mainstream, Tribal House, Tech House, Bass House, Classic House and Progressive House tracks. Jusko always caters to his audience with vocals which they can sing along with songs that mark special moments long after they have experienced his performance. With sets ranging from happy vibes during Day Parties to the powerful energy of Peak Hour occasionally accompanied by sexy vibes in Afters Hours.

Jusko offers extraordinary and unique material every time he commands the tracks. And now you can learn a little more about this big bet. Check out our chat:

How did you start DJing?

My passion for DJing began with my passion to create music. After I was inspired by listening to electronic music, I began to have all these ideas for songs myself. So I decided I wanted to learn to create electronic music. I taught myself to create music on my own computer. Once I had all these songs that I had made, I would share them with local club DJs who would play them in their sets, but it wasn't enough. I wanted to be the one to share my music on stage. So then I taught myself how to mix those tracks in a set. From there, I was given the opportunity to take the DJ booth in local night clubs. After that, I was hooked. I knew this was what I wanted to do forever.

Who are your Big Influences and How did you start producing?

Originally, trance music pulled me in and made me want to start making music myself in the first place. Podcasts from Armin Van Buuren and Sean Tyas really caught my ear. Eventually, I discovered tribal bigroom going to Richs in Houston and hearing Joe Ross DJ and I got quickly addicted. I was so inspired, I had to make this kind of music myself. Tribal music producers like Dani Toro, Leo Blanco, Mauro Mozart, Edson Pride, Tony Moran, and Toy Armada all greatly influenced my development and my music. I look up to them and countless others so much still today.

How did you met the DJ Blacklow and when did your partnership with him happen?

I met DJ Blacklow by reaching out through instagram just to suggest my remix of "High Horse" by Kacey Musgraves because he had a country western themed event that he was going to perform at. He liked my music so much he suggested we collaborated on a track together. I jumped at the opportunity. Turns out, we worked so well and developed such a great friendship that we continued to make tracks together and still now continue to make tracks together. He has opened so many doors for me in the music industry and I am so thankful for what he's done.

Katy Perry's "Never Really Over," caught the ear of Perry's manager, who gave them the official stems for her next single, "Small Talk," which has been their most downloaded and listened to single to date. how was your experience with that?

That was an amazing experience. Being able to chat directly with Katy Perry's management about prospects of Blacklow's and my work becoming official was surreal. Thankfully, we still have a good relationship with her management.

You are currently dedicated to learning Portuguese. How did this interest happen?

I decided I wanted to learn Portuguese when I saw my music was becoming more and more popular in Brazil. And because of that, I began to make more friends in Brazil. Everyone I knew from Brazil knew English but I wanted to meet them halfway and learn Portuguese. Partly as a gesture and partly as a cultural learning experience and to exercise my mind. I learned Spanish in grade school but I wanted to speak other languages, too. Next, I want to learn French and Italian.

Are there expectations of performing in Brazil?

I surely hope so! It is a dream of mine to have the opportunity to perform in Brazil. To share my music and energy there. It would be a dream come true to take the booth at The Week.

When you started your career, what were your expectations and what actually happened?

When I started producing and getting into DJing, I never would have thought it would go as far as it has. The more and more i was inspired and influenced, the more and more I wanted to achieve and play for bigger audiences and share my music with more people. I have been lucky to have been given that opportunity by some club owners and promoters to play for big crowds and it only made me want to do it more.

What steps were essential for building your career and what would be your advice for those who want to start in the field?

I believe learning the fundamentals and basics is incredibly important. Mastering the technicalities is absolutly essential for being able to effectively express those emotions and feelings through art to other people. I also believe that staying true to yourself is important in developing one's own style. You can take all your influences and technical knowledge to really, truly express yourself.

You've performed at several parties and alongside great DJs and Producers. Tell us a little about these experiences and which were the most memorable for you?

The first time I really got to DJ for a crowd who was there for the tribal music, I got to share the booth with Dani Toro. It was for RAM Party in Austin, Texas. Dani is a huge global DJ and he was so nice to me, a nobody in the tribal scene. I told him I was excited to open for him. He said "You aren't opening for me. We DJ together." That really touched me that he would treat me as an equal even though he was such a bigger DJ than me. Later that night, as my set was coming to an end, I was ready to give the decks to him, but he said "This is your moment." I didn't know what he meant. And when the music ran out the audience cheered and clapped and applauded. It was one of the best experiences of my life and thats when I understood what he meant. This year, I got to share the booth with GSP for the New Years party with DNRMX. I had been in contact with him because I did some official remixes for his record label, Queen House Music. I finally got to meet him in person and him and Nina Flowers both greeted me like family and made me feel extremely special.

Are you currently working on a project? what can we expect for 2021 and 2022?

Yes I am, Blacklow and myself are preparing for a brand new release coming this Fall with a full remix package to follow. I also have a few ideas myself that I want to develop and release eventually.

Dani Toro e Jusko - Houston Eagle.
Foto: Reprodução / Instagram.

GSP, Nina Flowers e Jusko - Denver Max (DNRMX).
Foto: Reprodução / Instagram.

Jusko e Nina Flowers - RAM Party (Dallas).
Foto: Reprodução / Instagram.

Jusko. Foto: Reprodução / Instagram.

How has the pandemic affected your career and what did you do to maintain your career?

When the pandemic hit, it devastated my career as it did to pretty much every DJ in the world. I lost many big time bookings that were supposed to propel my career forward. Instead, I was confined to my home. And instead of doing nothing, I funneled my time and energy into making more and more music to keep the momentum up as much as I could so I could hit the ground running once I was able to.

Closing our interview, would you like to leave a message for your audience and for those who contributed to your journey?

To those who have contributed on my journey, thank you from the bottom of my heart. I haven't and I won't forget you. I am more thankful than you know and will remember everything. To those who follow and support my music, I thank you dearly and stick around because I am only getting started with my career. There is much more music to come.

FACEBOOK STEPHEN JUSKO

TWITTER

INSTAGRAM

TUMBLR

SOUNDCLOUD

FACEBOOK JUSKO MUSI

DIEGO FERNANDEZ

Jeff Valle lança o seu segundo EP experimental, e já tem data de lançamento para o terceiro ainda esse ano

Depois de lançar seu primeiro EP experimental, "Avatar", Jeff Valle veio com tudo com o novo EP "Ravi", e promete lançar outros projetos na mesma linha ainda esse ano.

O DJ & Produtor **Jeff Valle** lança seu segundo EP "Ravi", contando histórias lendárias sobre o astro rei, o nosso SOL. *"'Ravi' foi pensado já na finalização de 'Avatar'. Assim tem sido meu processo de criação. Cada EP tem dado seguimento aos novos projetos*", conta.

Para as referências, Jeff fala que "*são tantas referências que já estou na busca de criar uma nova identidade difundida com o meu gosto*", e ele não deixa de pontuar sobre sua nova identidade sonora, "*estamos em mutação e está sendo o momento exato para aproveitar essa virada sonora para mim.*"

No processo criativo, Valle demonstra o quanto esse trabalho foi importante e gostoso de se fazer e concluir – "*Nossa! Ravi foi incrível! O Sol é muito inspirador e pensei em fazer as três faixas com um clima bem relax, mas com up diferente, e deu super certo!*".

O EP Ravi traz três faixas com a vibe de momentos em que o sol faz um verdadeiro espetáculo durante o dia, com as tracks "**Sunrise**", "**Sunset**" e "**Twilight**". Falando um pouco mais sobre cada faixa, Jeff Valle conta que "*foi maravilhoso o processo inicial na busca de sons quentes, envolventes com a energia do amanhecer para compor 'Sunrise', e tive a ideia de fazer com o vocal em hebraico, que deu um toque muito especial à faixa. A âncora para o nome do EP "Ravi", significa "o Sol" – "esse nome é muito especial, quando estava montado o EP tive a notícia da chegada de um novo integrante na família e, coincidentemente, o nome dele é Ravi,*" finaliza.

Já na segunda faixa, o DJ & produtor conta que "*'Sunset' já foi pensando em algo mais dançante e retratando uma sonoridade nostálgica. Logo tive a ideia de chamar o cantor **Kael**, de Minas Gerais, para fazer a interpretação e foi uma sintonia ótima. Ele entendeu toda a idealização e teve total liberdade de gravar da forma que se sentisse confortável.*

E ficou uma faixa mágica!"

Kael também falou de sua experiência de trabalhar com Jeff a distância: "*Antes de ser um parceiro de trabalho, Jeff Valle se tornou um amigo com quem podia trocar as impressões do novo mundo em que vivemos (quarentena), mesmo que ele estivesse do outro lado do oceano. Quando surgiu o convite para colaborar topei na hora, pois já admirava seu trabalho assim como também fiquei apaixonado pela temática do álbum. Fizemos a letra e gravei em 1 semana, com total liberdade para a criação melódica. O resultado foi um filho lindo, "SUNSET", no qual reconheço um pouco da minha alma cantante e o som viajante e harmonioso do Jeff Valle.*"

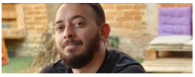
Kael. Foto: @rafaelnoliveiraa.

E por último, Jeff falou sobre a faixa "*'Twilight', que tem todo o clima da noite chegando e uma atmosfera misteriosa, envolvente e bem diferente, o que despertou a vontade de seguir para o próximo EP em um clima night*", finaliza já deixando sinais de que o próximo EP vem aí!

Jeff lançou "Ravi" trazendo a mensagem de que "*é necessário nos permitir sempre a novos rumos e a música tem esse poder de nos transportar, de nos fazer viajar, e 'Ravi' tem essa mensagem*". Além disso, ele conta da complexidade de mudar a sua sonoridade com esses últimos projetos, "*'Ravi' foi mais um desafio, cheio de leads quentes, atmosferas inspiradas nos anos 90... foi necessário um laboratório para a idealização dele e o suporte de vários amigos.*"

Para finalizar, Valle entrega um pequeno spoiler sobre o próximo EP, "*bem previsível essa notícia, rsrsrs... o próximo será em homenagem a LUA e será bem ousado.*"

Vamos aguardar então! Mas antes, escutem bastante o novo EP "Ravi", de Jeff Valle, nas principais plataformas de distribuição e streaming, e confira tudo sobre o EP "Avatar".



DIEGO AGANETTI

Claptone lança "Right Into You" em collab com Like Mike e Mansionair, pela Different Recordings

Claptone continua sua onda de excelentes parcerias colaborando com o DJ e produtor Like Mike e o trio Indie Eletrônico Mansionair em "Right Into You"

*"'Right Into You' para mim é uma linda e honesta canção de amor moderno. É sobre estar pronto para ir fundo, porém pedindo para ter segurança para se proteger de ser machucado… tão humana." – **Claptone**.*

O DJ e produtor internacional **Claptone** lança a nova "Right Into You", seu novo projeto colaborativo que desta vez vê o enigmático personagem vinculado ao DJ e produtor **Like Mike**, ao lado do trio indie eletrônico **Mansionair**, lançado pela **Different Recordings**.

É o sexto single lançado de "**Closer**", o terceiro álbum de estúdio de Claptone, que é co-produzido por **Stuart Price** (Dua Lipa, The Killers, Madonna). "Right Into You" está orgulhosamente apresentando o próximo capítulo do homem mascarado na exploração do House com um sabor Indie Pop, e se apoia na experiência de Claptone em criar sua definição de house music com vocais sedosos trazidos por Mansionair

> "*A música carrega aquele sentimento melancólico levemente doloroso e ao mesmo tempo alegre, um elemento central do meu universo musical, uma vez que é o próprio big bang. Elementos emocionantes, melodias entusiasmadas, um refrão hino – estou orgulhoso de ter fundido perfeitamente os mundos musicais únicos de Mansionair, Like Mike e Claptone em um grande hino de indie house eletrônico*" – **Claptone**.

O trio Mansionair, indicado ao **Grammy**, oferece uma mistura perfeita de ritmos líricos, etéreos e sonhadores à produção. Eles lançaram os singles "Easier", "Astronaut – Something About Your Love" e "Violet City", bem como seu álbum de estreia "Shadowboxer".

Mansionair. Foto: Reprodução/Instagram.

Like Mike já foi votado como **#1 no Top 100 DJ Poll** da **DJ Mag** com seu irmão e parceiro de **DJ Dimitri Vegas**, fazendo seu nome com seus shows de alta octanagem e ao vivo exclusivos. O chefe da gravadora "Smash The House" já colaborou com a realeza da música Dance, incluindo **David Guetta**, **Diplo**, **Afrojack**, **Armin Van Buuren**, **Fatboy Slim** e **Steve Angello** e agora é a vez de Claptone.

Like Mike. Foto: Reprodução/Instagram.

O anúncio de "Right Into You" segue os singles do álbum "Just A Ghost feat Seal", "Zero", "My Night" feat. **APRE** e "Wake Up" com **James Vincent McMorrow** e "Golden" com **Two Another**, que foram todos revelados no início deste ano.

Mesmo a incapacidade de fazer turnê não o atrasou, continuando sua visibilidade mundial, ele agora se apresentou em mais de 50 sets transmitidos ao vivo em 2020/21, com um total impressionante de 63 milhões de visualizações combinadas no YouTube. Também há planos para retornar ao clube mais famoso do mundo, o **Pacha Ibiza**, com seu show já conhecido internacionalmente "The Masquerade", significando que este ano ainda há muito, muito mais por vir.

"**Right Into You**", nova collab de **Claptone** com **Like Mike** feat. **Mansionair**, já está disponível nas principais plataformas digitais.

SANDRO ARNALDO

Conheça Chang´e, o terceiro EP experimental de Jeff Valle

Jeff Valle lança o seu terceiro EP em 2021, continuando a arriscar mais por sonoridades super diferentes de boa parte de sua trajetória como produtor musical.

Após lançar os EPs "**Avatar**" e "**Ravi**", **Jeff Valle** apresenta agora seu novo EP experimental "**Chang´e**", cumprindo a promessa que fez de lançar ainda no ano de 2021, arriscando um pouco mais em comparação aos dois primeiros projetos já lançados, "*essa proposta é diferente, poxa! Em EPs temáticos e com uma continuidade, é necessário ousar em novos sons, Synths, bases… e tenho gostado muito de ouvir outras vertentes de músicas eletrônicas. O laboratório feito para a idealização foi incrível, e me ajudou a usar sons que raramente são ouvidos nas músicas atualmente,*" conta.

Jeff lança esse o terceiro EP contando a história do nosso grande satélite natural, a Lua, trazendo a lenda de Chang´e, que leva o título do projeto, "*'Avatar' retratou os 4 elementos, 'Ravi' trouxe o Sol e agora a nossa Rainha da noite, a Lua. Eu pesquisei muitas lendas em várias culturas sobre a Lua até chegar a Chang´e, que é uma linda história de amor.*"

Valle continua a falar do grande desafio que foi manter a atmosfera dessa sequência de EPs, "*foi desafiante já que minha ideia era manter toda a atmosfera da cultura chinesa retratada na lenda! Gosto de olhar para o céu, seja durante o dia ou à noite. Desde que me entendo por pessoa sempre fui apaixonado pelo céu, por lendas, pelo mundo de fantasias e tem sido muito, muito prazeroso criar os EPs inspirado em temas*", comenta Jeff.

A lenda acabou inspirando o DJ e produtor musical a compor três faixas: "**Chang´e - Deusa da Lua e da Contemplação**", "**Divinity Lunar**" e "**Houyi**", e ele conta com mais detalhes a história de cada uma delas:

Foto Divulgação.

"*A primeira track (Chang´e – Deusa da Lua e da contemplação) é uma faixa gostosa, envolvente, uma verdadeira viagem retratando a beleza da deusa em sua moradia na Lua.*

Assisti um filme lindo sobre a lenda chamado 'A CAMINHO DA LUA', que me ajudou muito.

Recomendo a todos."

"**Já** na segunda faixa (Divinity Lunar) pensei em algo mais dançante e forte. Trazendo uma atmosfera mística, espiritual. Já que a palavra divindade é direcionada a tratamento de um deus ou deusa, às vezes como uma personificação. Essas divindades podem ter uma variedade de funções e tradições dependendo da cultura, mas muitas vezes estão relacionadas. A definição para essa faixa é transcendental."

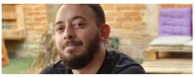
Por último, Jeff trás a faixa "Houyi" – o grande amor de Chang´e -, "*procurei fazer uma faixa bem forte e dançante, Houyi era um caçador e a faixa precisava dessa identidade, mas ao mesmo tempo criei momentos harmoniosos, felizes, afinal de contas, o EP retrata uma história de amor*", finaliza a descrição da última track do EP.

Para as referências, JV fala novamente de sua busca em criar uma nova identidade que se encaixe melhor no seu gosto musical, nos relembrando que estamos a todo momento sofrendo pequenas mutações, e que esse é o momento exato para arriscar essa mudança de sonoridade na sua carreira.

Para finalizar, o mineiro fala do que podemos esperar ainda após esse lançamento, "*faltam 3 EPs, tem muita coisa ainda por vir, da forma que a inspiração vem me abençoando os números podem mudar rsrs… Aguardem.*"

Não deixe de ouvir essas três faixas inspiradas nas lendas orientais sobre a Lua! O novo EP "**Chang´e**" de Jeff Valle já está disponível nas principais plataformas de distribuição e streaming.

Foto Divulgação.



DIEGO AGANETTI

Gui Guerrero apresenta a segunda edição do digital show Flight, em Salvador

Foto: Victor Mascarenhas.

Gravado no Farol da Barra, em Salvador, o projeto está na segunda edição e vem marcando a nova fase da carreira do DJ

Há apenas 5 meses, o **DJ Gui Guerreiro** lançava o seu digital show **Flight**, que foi muito bem recebido, e a prova disso é que ele atingiu mais de 150 mil visualizações em tão pouco tempo. E nessa sexta-feira, **22 de outubro**, às 18h, em seu canal do YouTube, Gui chega com a segunda edição do projeto, trazendo a axé que só a Bahia pode nos proporcionar.

DJ Gui Guerrero Flight Salvador - Foto: Victor Mascarenhas.

O digital show **Flight** foi gravado, desta vez, na cidade de Salvador, no **Farol da Barra**, um dos maiores cartões-postais do nosso país, onde acontece a festa de rua mais popular que o mundo pode conhecer, o nosso Carnaval. Mas a Bahia não se resumo a festa, a energia e alegria da Bahia é algo que tem super sintonia com o Gui, e ele mesmo conta:

"*Hoje é um dia muito feliz pra mim, é um projeto 100% de energia de amor e de alegria, tudo aquilo que a Bahia tem, eu quis colocar nesse digital show. Todo amor que eu tenho pela meu trabalho, pela música, ficou muito explícito, esse material representa muito pra mim, pois agora é momento de novos vôos pra mim, iniciando uma carreira independente (solo), gerenciando tudo, mas com uma super equipe que ama o que faz também, pra gente decolar para novos voos, novas oportunidades e incrementado ainda mais a cena eletrônica do nosso mercado.*"

Com tantas lições que tivemos durante esse período de pandemia, Guerreiro fala sobre a importância da música, "*A gente tomou como lição, neste período de dificuldades, que a música é uma fonte inesgotável de esperança e de boas energias e vamos levar isso para nossas vidas*", e continua a dizer sobre a conexão como seus seguidores e parceiros nesse período, "*A música tem, realmente, esse poder. E não foi à toa que fomos a Salvador, essa cidade que respira musicalidade, sem preconceitos de vertentes. Foi um banho de emoção e não poderia estar mais feliz com o resultado*", comemora.

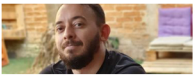
Na última quarta-feira (20), aconteceu uma pré-estreia do digital show em uma sala do **Cinépolis do Shopping JK**, em São Paulo, que possui a tela **IMAX**, uma das maiores telas de cinema do país, apenas para 200 convidados, proporcionando uma experiência incrível para quem estava presente, inclusive o próprio DJ, que fala, "*Foi a junção de duas coisas que eu amo, música e filme, e eu queria que as pessoas tivessem uma experiência incrível, e se sentisse em uma balada, podendo dançar, e foi exatamente isso, sendo incrível não só para eles como para mim, que pude ver as reações de cada convidado que ali estava.*"

Lucas Anderi - um dos maiores nomes de vestido de noivas do Brasil. @lucasanderi

Júnior Donatto - um dos melhores cerimonialistas de São Paulo. @oficialjrdonatto

Convidados da pré-estreia no Cinépolis - Shopping JK (SP).
Foto: acervo pessoal.

Assista agora mesmo a segunda edição do digital show **Flight**, e não deixe de acompanhar os novos rumos da carreira independente do **DJ Gui Guerrero** em seu **Instagram** e no **YouTube**.



DIEGO AGANETTI

Posydon estreia seu novo EP "SOMNIABUNT"

Capa oficial do EP, Arte Uncles Music.

O cearense Mateus Santos lança seu novo EP "SOMNIABUNT", apresentando três produções de Melodic Techno.

Nome em ascensão na cidade de Fortaleza, **Matheus Santos**, conhecido pelo seu projeto de Techno melódico e House Progressivo **POSYDON**, vem ganhando destaque na cena regional com produções densas e repletas de conceitos intrínsecos.

Lançado pela gravadora russa **UNCLES MUSIC RECORDS**, "**Somniabunt**" vem do latim que significa "sonhar". Essa é uma palavra que define muito bem esse EP. As tracks contam com graves fortes e melodias místicas trazendo uma sensação de liberdade, como se realmente estivessem dentro de um sonho.

Foto artista. Créditos: Vitor Shagas.

"*A ideia de criar a somniabunt veio com a intenção de criar um EP com uma vibe introspectiva, onde você consegue viajar na música apenas com o som da melodia, imaginar ilusões como se você estivesse em um sonho*", conta Mateus.

O artista frisa também que as tracks "**Tempestas**" e "**Oceanus**" foram uma forma que ele encontrou na música de compartilhar sonhos vividos pelo mesmo.

O EP se assemelha a uma viagem transcendental, iniciando a história com "**Somniabunt**" como um navio aporta do cais, em "**Tempestas**" como o nome já diz nosso navio encontra águas turbulentas em uma tempestade chegando ao final com "Oceanus", onde somos engolidos pelas águas profundas desse oceano.

Faremos uma pequena análise das 3 tracks: "**SOMNIABUNT**", "**TEMPESTAS**" e "**OCEANUS**".

"SOMNIABUNT"

A track é marcada desde o início pela progressividade, possibilitando ao ouvinte acompanhar o crescimento do som. É possível notar nuances inspiradas no grave do Brazilian Bass, porém a Track é o mais fino Melodic Techno.

O drop da música é marcado por uma quebra de expectativa, trazendo um grave mais seco remetendo ao industrial, com arpejos muito bem direcionados durante toda a produção.

Definindo de uma forma geral, a música consegue ser ao mesmo tempo energética e tranquila.

"TEMPESTAS"

Logo no início da track já conseguimos sentir uma sonoridade mais tropical e uma construção bem progressiva, que já é característica das produções do artista, com arpejos mais intensos e vibrantes.

É notada também uma percussão acelerada durante todo o caminhar da track, em contraste com uma melodia suave.

Pode-se dizer que é uma track coringa para fazer transições entre gêneros sem quebrar a vibe da pista.

"OCEANUS"

Oceanos já chega com uma vibe mais dark e introspectiva. Um Melodic Techno clássico.

A sensação da música é como se você estivesse sendo abraçado pelo oceano. O brake extenso da música envolve quem está ouvindo em um sentimento de euforia finalizado pelo drop carregado, finalizando o EP de uma forma maestral.

Ao finalizar essa jornada podemos constatar que as produções do Artista Posydon se firmam dentro do clássico Melodic Techno, mas sempre flertando com as características do House Progressivo, o que proporciona uma personalidade bem marcante.

O EP está disponível em todas as plataformas digitais e você pode comprá-lo pelo Beatport.

Aproveite também para escutar outras produções do artistas cearense que tem um futuro muito promissor pela frente.

INSTAGRAM

BEATPORT

YOUTUBE

SPOTIFY

IGOR FONTELES

Com vocais do Pe. Júlio Lancellotti, Monic (BR) apresenta sua nova track "Lancellotti"

Monic (BR) traz os vocais de uma entrevista do Padre Júlio Lancellotti, e destaca: "Sem caridade não há salvação"

Em seu novo lançamento, a DJ e produtora Monique Rocha, A.k.a. **Monic (BR)**, apresenta sua nova track intitulada "**Lancellotti**". Com uma mensagem de protesto e conscientização, ela nos leva a refletir sobre a desigualdade social em nosso país em meio a essa pandemia em que estamos ainda vivendo.

Pela **Forbes Music**, "Lancellotti" chega trazendo a nova aposta da produtora cearense de Techno, Monic (BR), que esse ano completa 10 anos de carreira no mundo da música.

O nome da track é uma homenagem ao **Padre Júlio Lancellotti**, clérigo de São Paulo admirado pela artista, que após assistir uma de suas entrevistas a mesma se sentiu inspirada a transformar seu trabalho em uma missão de compaixão e amor ao próximo.

Incorporando o vocal da entrevista do Pe. a sua produção ela traz uma mensagem focalizada no tema da renda básica para todos, uma clara manifestação diante de um país com tal desigualdade social. "Sem caridade não há salvação" destaca Monic.

Monic (BR).
Foto: divulgação.

> Quando eu fiz essa música, o Auxílio Emergencial ainda não tinha sido lançado, e agora com o fim do auxílio e o fim do Bolsa Família, na situação em que o país está, sem dúvidas é o momento em que a população está precisando muito de ajuda. Está precisando ser vista com outros olhos, pois têm muitas pessoas passando fome no mundo. No Brasil tem milhões de pessoas nessa situação. Ter lançado essa música agora, acaba sendo **muito** atual, pois estamos em um país de miséria e fome. Imagine se todos os brasileiros recebessem um auxílio, seria muito importante. É um apelo na verdade! O Padre Júlio Lancellotti é um homem incrível de muita fé. Ele traz sempre essa pauta e eu estou, de alguma forma, trazendo através da minha arte - como artista que sou -, tanto pra homenageá-lo quanto para trazer o foco para essa triste situação brasileira que não podemos continuar ignorando.
>
> Monic (BR).

Padre Júlio Lancellotti.

O processo criativo da música se sucedeu durante o ano de 2020, no auge da crise causada pela pandemia de Covid19, momento lastimável da nossa história que trouxe o Brasil de volta ao mapa da fome mundial, levou pessoas de volta à situação de extrema miséria, desemprego e falta de recursos. Um ano se passou desde a criação da track, porém ela continua condizente com a realidade atual.

A apresentação estética dessa produção faz uma conexão com referências medievais, segundo a própria artista, pois na Idade Média a diferença de classes era algo característico a época e 6 séculos após ainda vivemos uma realidade similar com abandono de pessoas às margens da nossa sociedade.

O propósito da track é passar adiante uma mensagem de apelo levando o ouvinte a **sensações extremas**.

Esse conceito é exposto em sua sonoridade com graves marcantes já característicos de suas produções, melodia obscura que prevalece com grooves simétricos e progressivos. Sintetizadores ácidos também são uma presença constante nessa produção.

A música "**Lancellotti**" já está disponível nas principais plataformas de streaming e encontra-se **Free Download no Soundcloud** da **Forbes Music**.

Ouça agora!

Créditos:

Mixagem e Masterização: **Gabriel Rocca**

Fashion Photographer & Filmmaker: **WHERB**

Stylist: **Márcia Jorge**

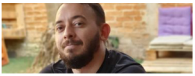
Joias: **Cynthia Durante**

Beleza: **Raul Holanda**

Acervo Medieval: **Tattoaria Marcolini**

Imprensa: **Igor Fonteles**

Agradecimentos: **Padre Júlio Lancellotti**



DIEGO AGANETTI

ANO II
ED. 01

COLORSdj

JUSKO

THE NEW GENERATION OF AMERICAN DJ & PRODUCER

COLUNA

Não se volta atrás, apenas se renova

Com as aláfias que recebo, as confirmações de que tudo se encaixa em seu lugar no devido momento, eu progredi.

Ocorrem falhas, perturbações, percalços, caos das mais diversas formas. Eu, sim, me entorto no decorrer do caminho. Mas esse "eu", meu orí é algo que também é maléfico. Eu não sabia até me dizerem. Sabe quando se suspeita de algo que praticamente se sabe, mas como não se confirmou, então, ainda, não é uma verdade, um fato?

Eu caía. Tinha crises epiléticas. O Baba (pai de santo) que me acolheu quando soube que tive uma após os cuidados devidos espirituais se chateou. Ele tinha me aconselhado: "seu orí gosta de acordar com o Sol, bem cedo, ó da manhã." Eu desobedeci e tentei enviesar tal hábito que era necessário para minha saúde. Até o momento em que meu orí me fez cair. E não é por isso que ele é maléfico.

O "mal", segundo o pai de meu pai de santo, é até mais forte e presente no cotidiano que o próprio "bem". Existe esforço necessário para se alcançar idoneidade, honestidade, paciência, cadência, respeito, nobreza.

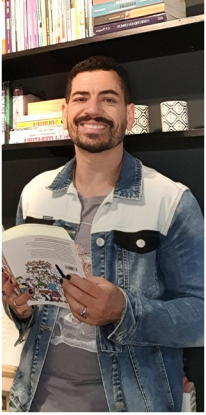
E por mal e bem se entende o que meu Babalorixá disse: pontos de referências coletivos. A avareza que eu trouxe do Rio de Janeiro, que fez parte de minha criação tijucana, é uma maleficência de meu orí. Algo a se curar.

A parte boa de meu orí consiste nesse reconhecimento do valor alheio, de dar atenção a quem não recebe, de me valorizar para poder valorizar o próximo. Ele gosta de carregar pesos, numa concepção/ideia de que se eu carregar mais, o próximo carregará menos. Quando isso também é ilusório.

As referências de bem e mal quando são individuais se tornam egocentristas. "Não é bom para mim, então é mal"; "me traz riqueza, então é bom." Referências de "bem" e "mal" são egoístas. Mas quando esse ego, esse orí, está condicionado/direcionado ao coletivo, o intuito egoísta se torna individualista.

Com esse entendimento, o individualismo coletivo é o ponto de renovação do ser humano egocentrista. Porque realmente, mesmo se fosse possível voltar ao passado, o que está traçado (odú) não se muda, apenas se renova.

KUKUA DADA



COLUNA

Vamos conversar sobre linguagem neutra? (Parte I)

Por esses dias, eu estava conectado ao Facebook, quando me deparei com uma publicação compartilhada de um texto de uma professora de português falando sobre a linguagem neutra, então, li o texto e, diante do que eu li, eu preciso me posicionar.

De antemão, preciso dizer que esta coluna-resposta será dividida em partes, pois o tema é complexo e não quero fazer igual minha colega de profissão que fez uma abordagem superficial.

Nesta primeira parte, vou me atentar a dois tópicos fundamentais: identidade docente e educação linguística na educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio). Para depois, nas outras partes abordar diretamente o tema linguagem neutra.

Também vou usar a dialogação escrita como recurso didático com a finalidade de me fazer o mais claro possível. A ideia é lançar luz sobre o tema e de forma alguma propor normatizações, até porque a língua(gem) é dinâmica. Ela escapa às normas.

Vamos começar nossa reflexão pensando sobre a questão: para que serve o professor?

O papel do professor está ligado ao seu trabalho. Ele só existe se for para educar e a educação só faz sentido se for para transformar. Diante disso, podemos afirmar que a identidade de um docente é construída a partir da dialética entre escola e sociedade, pois, esse processo de construção leva em consideração as necessidades da comunidade que está inserida em um dado contexto. Por isso, a atuação da escola e do professor deve estar alicerçada nos princípios constitucionais: paz, justiça social, igualdade de direitos, liberdade e a promoção do bem a todos sem distinção. A nossa Constituição Federal é a lei maior e nela está explícito o projeto de sociedade que se pretende construir. Logo, a atuação do professor dentro da escola é regimentada e orientada por estes princípios.

Com isso em mente, passo, então, para a dialogação escrita com o texto original da professora. Vou marcar o texto dela em negrito/colorido e entre aspas e o meu comentário em fonte normal.

O texto dela começa assim:

"Vamos conversar com a tia."

E eu também quero trazer Paulo Freire para a conversa, um educador e filósofo respeitado no mundo todo. Em sua obra intitulada "Professora, sim; tia, não", ele indaga este esforço de reduzir a professora à condição de tia, segundo ele, é uma inocente tramoia ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de suavizar a vida da professora, o que se tenta é, na verdade, abrandar a sua capacidade de luta, entretê-la no exercício de tarefas fundamentais (p.25). Diante disso, não quero conversar com a tia, quero conversar com a professora que é ou deveria ser uma agente de transformação social.

"Não sou homofóbica, transfóbica, gordofóbica. Eu sou professora de português."

Primeira questão importante aqui, professora, é dizer que não aprendemos a língua portuguesa somente na escola com um professor. Aprendemos a língua portuguesa também em nossos contextos sociais com as pessoas que convivemos no dia a dia: família, amigos, vizinhos. Diante dessa situação, vale destacar que o trabalho do professor de língua portuguesa é promover a educação linguística formal (sistematizada, ou seja, aquela que é proposta do sistema brasileiro educacional) de uma criança.

Sendo assim, a escola deve funcionar como um lugar sistemático que detém a estrutura organizacional e os recursos adequados a fim de promover a educação linguística de forma responsável, inclusiva e democrática.

Já o professor, inserido nesta organização, deve desempenhar seu papel como mediador, orientando os educandos por experiências de língua(gens), a partir de atividades didático-pedagógicas em conformidade com a proposta educacional do país (LDB/BNCC).

Para deixar claro, o que é educação linguística?

A educação linguística pressupõe pedagogias ativas que visa um projeto de constante aquisição de língua(gem) pautado em um processo de reflexão contínuo a respeito do uso da língua(gem) em contextos diversos de interação e comunicação. O professor é o especialista de área e funciona como mediador dos processos de ensino e aprendizagem, enquanto o educando é responsável por desempenhar o seu papel de modo adequado, incorporando nesse processo educativo aquilo que faz sentido para a sua vida e para a coletividade.

Enfim, a educação linguística é fundamental para desenvolvermos educandos protagonistas de uma constante construção social e cultural da compreensão e do uso da língua(gem).

Em todos os processos educativos, como o próprio Freire afirma no livro, a tarefa do ensinante é também a de ser aprendiz, sendo indispensável para isso atrever-se, o aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que estamos expostos cotidianamente. Conforme Freire, é preciso atrevimento ao próprio fato de se fazer professor, educador, que se vê responsável profissionalmente pela formação permanente de um indivíduo.

É parte do processo de se educar o deseducar, porém para isso temos que assumir nossas limitações, por mais que não queiramos, às vezes, somos sim homofóbicos, transfóbicos, gordofóbicos, racistas, pois estas violências estão enraizadas no convívio social, então, precisamos assumir nossos preconceitos, desconstruí-los constantemente e orientar nossa educação no sentido de superá-los.

"Eu estava explicando um conceito de português e fui chamada de desrespeitosa por isso (ué)."

Professora, um professor deve estar pronto para ser questionado, aliás, deve estimular os seus alunos à crítica. Nesse sentido, Paulo Freire diz que os professores são referência para os seus alunos no posicionamento de luta democrática, mostrando-os que a luta em tempo algum pode se transformar em luta singular e individual, também desafiando órgãos, instituições, normas, padrões em prol da justiça social e que acima de tudo o educador esteja aberto à avaliação da sua prática.

Como educadores e educadoras somos políticos, fazemos política ao fazer educação. Se sonhamos com a democracia, que lutemos a todo momento, por uma escola em que a gente fale aos e com os educandos, para que, ouvindo-os, possamos ser por eles ouvidos também (p. 92).

Vou pular um trecho do texto original, porque se refere especificamente a questões de linguística que ficarão para as próximas partes publicadas nas colunas dos meses seguintes.

"Meu conselho é: ao invés de insistir tanto na coisa do gênero, entendam de uma vez por todas que gênero não existe, é uma coisa socialmente construída. O que existe é sexo."

Esta afirmação é tão contraditória quanto equivocada. A própria autora do texto logo mais afirma a existência do gênero. E sim, gênero é uma construção sociocultural feita ao longo dos anos. Com um problema importante, essa construção se deu de modo opressor com relação aos outros gêneros, relegando-os à margem, ao estigma, à violência, à morte.

Freire mais uma vez é cirúrgico dizendo em sua obra que é preciso que os educandos, experimentando-se criticamente na tarefa de ler e de escrever, percebam as tramas sociais em que se constituem e se reconstituem a linguagem, a comunicação e a produção do conhecimento, fazendo da escola espaço de reflexão e conscientização. "A escola, em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha a escola que diz sim à vida. E não a escola que emudece e me emudece" (p.63). Não é verdade, professora?!

Mais uma vez vou suprimir uma parte do texto original, porque neste trecho ele se refere especificamente a questões de linguística que ficarão para as próximas partes.

"Tenham atitude! (Palavra que termina em E e é feminina). E parem de ficar militando no sofá. (Palavra que termina em A e é masculina)."

Paulo Freire arremata: "nenhuma sociedade se afirma sem o aprimoramento de sua cultura, da ciência, da pesquisa, da tecnologia, do ensino. Tudo isso começa com a pré-escola" (p. 53).

"A imobilidade no crescimento é enfermidade e morte" (p. 125). "O saber tem tudo a ver com o crescer. Mas é preciso, absolutamente preciso, que o saber de minorias dominantes não proíba, não asfixie, não castre o crescer das imensas maiorias dominadas" (p. 127), por isso, jovens, militem sim. Movimentem-se sim em defesa de uma sociedade mais justa, mais igual, mais aberta ao diálogo e menos excludente, menos violenta, menos intolerante.

Enfim, Paulo Freire enfatiza no livro "Professora, sim; tia, não" a importância da conscientização dos professores da ideologia que manhosamente quer distorcer sua tarefa profissional e depois disso, ele orienta que os professores se livrem dessa ideologia e se apropriem de uma ideologia libertadora. Assim, esclarece, orienta e incentiva professores a assumirem o papel político-social que desempenham. Sendo a educação um ato político, requer comprometimento tanto na luta política, quanto nas reivindicações do corpo docente e na formação de cidadãos realmente críticos e atuantes.

Esta conversa não termina aqui. Ela é longa, professora.

Freire, Paulo. Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar. Editora: Paz e Terra.

Paulo Freire

Educação Integral

SAVEDA

COLUNA

Mulheres na Política

No dia 1 de janeiro de 2011, **Dilma Rousseff** vestiu a faixa presidencial pela primeira vez, e enalteceu o fato de ser a primeira mulher eleita presidenta do país. Ao longo de seu discurso, a palavra 'mulher' foi dita dez vezes. "*Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher*", disse. "*Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres também possam, no futuro, ser presidentas; e para que – no dia de hoje – todas as mulheres brasileiras sintam orgulho e a alegria de ser mulher*", prosseguiu.

Um marco histórico na política brasileira que sempre foi dominada por homens, num país profundamente machista. Naquele ano, além de Dilma Rousseff, 45 deputadas federais foram eleitas, além de oito senadoras e duas governadoras. Mas ainda assim um número pequeno, visto o número de parlamentares.

No dia **24 de fevereiro** é comemorado o **Dia da Conquista do Voto Feminino** no Brasil. Nesse dia, em 1932, o **Código Eleitoral** passou a assegurar às mulheres brasileiras o direito ao voto e de lá pra cá a luta pelo direito das mulheres vem avançando cada dia mais, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo.

Segundo o portal do **TSE**:

> **Antes** mesmo de 1932, documentos históricos apontam que a professora **Celina Guimarães** foi a primeira eleitora brasileira. Celina requereu sua inclusão no rol de eleitores do município de Mossoró (RN), onde nasceu, em 1927, após a entrada em vigor da **Lei Estadual nº 660**, de 25 de outubro daquele ano, que tornava o Rio Grande do Norte o primeiro estado a estabelecer a não distinção de sexo para o exercício do voto.
>
> A inscrição eleitoral de Celina repercutiu mundialmente, por se tratar não só da primeira eleitora do Brasil como também da América Latina.
>
> Já a primeira prefeita do país foi **Alzira Soriano**, eleita para comandar a cidade de Lajes (RN), com 60% dos votos. Tomou posse no cargo em 1º de janeiro de 1929. Em sua administração, promoveu a construção de estradas, mercados públicos municipais e a melhoria da iluminação pública. Com a Revolução de 1930, perdeu o mandato por não concordar com o governo de Getúlio Vargas.
>
> **A** responsável pela indicação de Alzira como candidata à Prefeitura de Lajes foi a advogada feminista **Bertha Lutz**, que representou o movimento feminista na **Comissão Elaboradora do Anteprojeto da Constituição de 1934**. Candidata, em 1933, a uma vaga na **Assembleia Nacional Constituinte de 1934**, obteve a primeira suplência no pleito seguinte e assumiu o mandato de deputada na **Câmara Federal** em julho de 1936, em decorrência da morte do titular.
>
> Bertha Lutz teve sua atuação como parlamentar marcada pela proposta de mudança na legislação referente ao trabalho da mulher e do meno
> (**Assessoria de Comunicação do TSE, 2020**)

Alguns avanços já foram conquistados nas últimas décadas, desde o direito ao voto e o direito de serem eleitas. Bertha Lutz, por exemplo, em 1936 quando assumiu o cargo de deputada na Câmara Federal, propôs medidas como licença maternidade de três meses e redução da jornada de trabalho, então de 13 horas diárias.

Porém, quando olhamos para a representatividade das mulheres na política, esse debate ainda se encontra muito distante do desejado. Muitas mulheres ainda têm dificuldades de ocupar cargos de poder, serem eleitas ou terem voz ativa nas tomadas de decisões políticas. Isso acontece devido à exclusão histórica das mulheres na política e que reverbera, até hoje, no nosso cenário de baixa representatividade feminina no governo.

É de extrema importância essa diversidade na política, principalmente na progressão do debate público em torno das questões femininas. Temas como assédio, aborto, maternidade e carreira, precisam ser amplamente discutidos na sociedade e ganhando espaço no cenário político. Lembrando que devemos estar sempre atentos para as constantes tentativas de retrocessos aos direitos conquistados constantemente fomentadas por políticos conservadores.

No ano passado, tivemos também o recorde de pessoas transgênero se candidatando em todo o Brasil, com o destaque para mulheres como a vereadora **Erika Hilton**, eleita ano passado como a mulher mais bem votada em todo o país, a primeira trans eleita para a Câmara Municipal paulistana e ativista dos Direitos Humanos, na luta por equidade para a população negra, no combate à discriminação contra a comunidade LGBTQIA+ e pela valorização das iniciativas culturais jovens e periféricas.

É somente com a participação dessas mulheres que se ampliam as vozes na nossa política e a nossa democracia torna-se mais diversa e abrangente, atendendo as necessidades de maiores parcelas da população. É nosso dever enquanto cidadãs e cidadãos incentivar e exigir essa pluralidade entre os nossos representantes na política

Agradeço toda nossa equipe. **JUNTES**

CARLA BAKER

COLUNA

"Amores e cores": VERA E JÚNIOR

Acho que minhas pálpebras estão caindo.
No espelho, não sou mais a Vera de antes.
Estou cansada, envelhecida, sozinha.
Vivendo entre o céu e o Inferno de Dante.

Certa noite no meu camarim vazio.
Eu ouvia a pista em êxtase, vibrante.
Foi um bom show, confio.
Muitas risadas e o sorriso constante.

Eu com vontade de casa, meu gato, boa vida.
Tava mesmo precisada de um pouquinho de mim.
O meu assistente já me aguardava na saída.
Uma fila sonhada de fãs. Era hoje o meu fim.

Meu desejo era me desmontar.
Mas como encará-los como José?
Sou Vera Primaveril, a primeira!
A drag queen dos sonhos, a princesa.

Caminhei no meu salto a lá Gaga.
E fui abordada por clientes eufóricos.
Mas despistei até a porta, uma saga.
E lá estava ele, o meu anjinho metafórico.

Tímido, inocente e pequenino.
Seus olhos marejados me perseguindo.
Era de contínuo assim, o meu Juninho.
Novato na cidade grande, um severino.

Ele me estendeu sua mais recente carta.
Já perdi a conta de quantas eu recebi.
Sorri e dei um beijo em sua bochecha.
Deixando a marca do meu batom rubi.

E ele retribuiu. Seria aquela uma lágrima?
Era mais uma mensagem cafona e eu amava:
"*Vera, a mais bela flor de felicidade repleta.*
Só você o meu sonho, só você me completa."

Entrei no carro e com um aceno fiz minha despedida.
Mal sabia que aquela seria a última, injusta assim.
E hoje estou de volta ao meu camarim, destruída.
O meu olhar caído, sem cor e distante de mim.

Não tenho mais a resposta, não tenho a plateia.
Desfruto de um par de câmeras emprestadas.
E de uma equipe pequena numa mísera ideia.
Um capital magro pra me encher de balelas.

Na mesa, a minha máscara de lantejoulas.
Coloquei-as para ficar assim: 'diferentona'.
Aquelas máscaras de hospitais me davam arrepios.
Ainda sou uma drag, o escândalo, a Madonna!

Mas socorro! Vivemos uma pandemia.
Um gosto amargo que impregna e limita.
E que chegou atrevida, derradeira e egoísta.
Sem data pra ir embora, sádica e masoquista.

Fiz o meu show escondendo minha dor.
Nenhum olhar curioso na plateia.
Apenas o monótono frio pra sugar o calor.
E eu, uma Norman Desmond iludida à procura do amor.

Terminada a performance, eu me desmontei.
Meu assistente me aguardava com um cartão.
Disse que mandaria pra equipe e subiria nas redes.
Um novo mundo virtual, minha recente solidão.

Caminhei até a rua e era eu, o José, sem fé.
Abri a porta e a calçada estava inóspita e obscena.
Da esquina, um par de faróis se aproximava.
Eram dois holofotes grandes para compor a cena.

Eis que escuto meu nome: "*Vera!*"
Olhei para trás e reconheci aquele olhar.
Dois pontinhos pretos de jabuticabas brilhantes.
Tão familiares, mas ao mesmo tempo distantes.

"*Ele deixou pra você e seria um pecado não entregar*".
E me restou uma lembrança num saco plástico de supermercado.
Agradeci sem nenhuma palavra, enquanto ele se distanciava.
Não sei se por debaixo daquela máscara um sorriso me emprestava.

Demorei um tempo para entender o repentino.
Aquele era um parente do meu querido Juninho.
O meu garoto que tanto espero, sonho e acredito.
Numa carta, a notícia: mais uma vítima do vírus maldito.

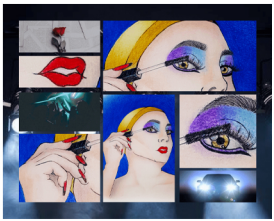
Entrei no carro e pedi ao motorista o caminho.
No saco plástico tantas outras mensagens do pequenino.
Ele fora o meu mais importante fã, o último.
E não merecia esse triste fim, sem o meu carinho.

Quantas primaveras terei para reencontrá-lo?
Seguirei Vera em sua homenagem e com toda fé.
A melhor Drag que posso, a rainha e o renascido Zé.
Um sentimento lindo me sobra, um amor que apenas é.

SAMUEL STRAPPA

Ilustração: Gustavo H.

Terceira prosa poética da série
"Amores e cores"
de Samuel Strappa.



COLORSdj

NOSSA EQUIPE

Sandro Arnaldo - Sócio Proprietário - Administrativo
Diego Aganetti - Sócio Proprietário - Editor-Executivo
Barbara Anastácio - Advogada - Jurídico
Cadu Bondezan - Editor-Chefe

MÚSICA

Bacana Music
Diego Aganetti
Vitor Faria

PROFISSÃO

Arthur Valleti
Santana Treinador
Tiago Jeronimo

I.D.

Diego Aganetti
Diego Fernandez
Igor Fonteles
Sandro Arnaldo

VOZES

Carla Baker
Kukua Dada
Samuel Strappa
Saveda

CONTATOS:

POP - imprensapop@colorsdj.com
TRIBAL - imprensatribal@colorsdj.com
UNDERGROUND - imprensaunderground@colorsdj.com
HISTÓRIA - imprensahistoria@colorsdj.com
PROFISSÃO - imprensaprofissao@colorsdj.com
I.D. - imprensaid@colorsdj.com
VOZES - imprensavozes@colorsdj.com

IVAN T. DESIGN STUDIO
www.ivantdesign.com.br